



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Mestrado EPE e Ensino do 1º CEB

A Interculturalidade como ponto de partida para a
Interdisciplinaridade

Ana Margarida Campos Viana do Vale



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Ana Margarida Campos Viana do Vale

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Mestrado EPE e Ensino do 1º CEB

A Interculturalidade como ponto de partida para a
Interdisciplinaridade

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Professor Doutor Gonçalo Maia Marques

novembro de 2018

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando,
refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.”
Paulo Freire

Agradecimentos

A concretização deste sonho não seria possível sem o envolvimento de algumas pessoas direta ou indiretamente. Assim sendo, não poderia deixar de agradecer às mesmas pelo otimismo, coragem, força, determinação, carinho e palavras amigas com que sempre me presentearam e pelas quais estarei eternamente grata.

Ao Professor Doutor Gonçalo Marques, pela sua orientação, por ter acreditado em mim e nas minhas capacidades, por ter sempre uma palavra amiga e de incentivo nos momentos mais difíceis deste projeto, e por ter partilhado a sua sabedoria comigo.

À minha família, que sempre me apoiou incondicionalmente, que me ajudou a superar os obstáculos que surgiram ao longo da vida e deste percurso. Ao meu pai pelo exemplo de humildade e sensatez que sempre me transmitiu. À minha mãe pelo exemplo de força, coragem e determinação com que sempre levou a vida, e à minha irmã mais nova...por ser minha irmã. Com o concretizar deste meu sonho pretendi também demonstrar-lhe que com esforço e dedicação tudo é possível.

Ao meu companheiro, pelo seu amor, companheirismo, apoio, por me contagiar pela sua força e garra na vida e por me fazer tão feliz. À família do meu companheiro, minha segunda família, pela sua preocupação e carinho com que sempre me receberam e tratam.

Às minhas amigas, Paula Pilar e Paula Monte que sempre me incentivaram à concretização deste curso e um agradecimento especial à minha amiga Cindy Quaresma que sempre me apoiou ao longo destes cinco anos no que mais precisasse.

Resumo

O presente relatório foi realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada II (PES II), inserida no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico. A prática profissional foi desenvolvida numa escola do 1º ciclo do Ensino Básico no distrito de Viana do Castelo, numa turma do 2º ano de escolaridade ao longo de quatro meses.

O projeto de investigação desenvolvido centrou-se na área do Meio – Social, projeto este que se intitulou “A interculturalidade como ponto de partida para a interdisciplinaridade: um estudo numa turma do 2º ano de escolaridade”. Este estudo incidiu em 15 alunos e teve como objetivo perceber de que forma este grupo de crianças do 1º CEB encara as questões socioculturais relacionadas com outros povos e culturas. Assim sendo, foram definidas as seguintes questões de investigação: 1) Que perceções apresentam os alunos sobre outras culturas?; 2) De que modo as atividades desenvolvidas envolvendo outras culturas influenciam as aprendizagens dos alunos?; 3) Que balanço se pode fazer do projeto desenvolvido tendo em conta aspetos como a empatia e o respeito pela diversidade cultural?

Tendo em conta o objeto deste estudo, optou-se por uma metodologia de investigação qualitativa. A recolha de dados foi realizada através de um questionário implementado aos alunos – fase de diagnóstico, seguiu-se a fase de intervenção onde se desenvolveram as atividades junto da turma e por fim, a fase da análise dos resultados.

Os resultados deste estudo revelaram que efetivamente o interesse, respeito e empatia demonstrado pelas crianças por outros países e seus povos é notório e significativo. Isto deve-se, não só pela sociedade globalizada de hoje em que vivemos mas também pela sensibilização e informação a que os mais novos hoje em dia têm acesso desde muito cedo. Neste sentido, este estudo procurou estimular e desencadear curiosidade e o querer saber mais acerca de outras culturas, do património mundial, bem como da sua valorização. Revelaram também, que a interdisciplinaridade e a motivação como forma de lecionar é sem dúvida uma mais-valia no processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Interculturalidade; Interdisciplinaridade; Património Cultural.

Abstract

This report was carried out within the scope of the Supervised Teaching Practice II (PES II), inserted in the Master's Degree in Pre-School Education and Teaching of the 1st cycle of Basic Education. The professional practice was developed in a school of the 1st cycle of Basic Education in the district of Viana do Castelo, in a class of the 2nd year of schooling over four months.

The research project developed focused on the area of the Social-Media, a project that was entitled "Interculturality as a starting point for interdisciplinarity: a study in a class of the 2nd year of schooling". This study focused on 15 students and aimed to understand how this group of children of the 1st CEB faces the socio-cultural issues related to other peoples and cultures. Thus, the following research questions were defined: 1) What perceptions do students present about other cultures? 2) In what way do the activities developed involving other cultures influence the students' learning? 3) What balance can be made of the project developed taking into account aspects such as empathy and respect for cultural diversity?

Taking into account the problem of this study, a qualitative research methodology was chosen. The data collection was carried out through a questionnaire implemented to the students - diagnosis phase, followed by the intervention phase where the activities were developed together with the group and finally, the phase of the analysis of the results.

The results of this study revealed that the interest, respect and empathy shown by children by other countries and their peoples is indeed significant. This is due not only to the globalized society we live in today but also to the awareness and information that young people today have access to very early. In this sense, this study tried to stimulate and trigger curiosity and to want to know more about other cultures, of the world heritage, as well as of its valorization. Revealed too that interdisciplinarity and motivation as a way of teaching is undoubtedly an added value in the teaching-learning process.

Keywords: Interculturality; Interdisciplinarity; Cultural heritage.

Índice

Agradecimentos	i
Resumo.....	ii
Abstract	iii
Índice	4
Índice de Figuras	6
Lista de abreviaturas	7
Introdução.....	8
Capítulo I – Caracterização dos Contextos Educativos	10
Pré-escolar.....	11
Caracterização do meio local	11
Caracterização do Agrupamento / Jardim de Infância.....	12
Caracterização do grupo	13
Percurso da Intervenção Educativa no Pré-escolar.....	14
Ensino 1º CEB	21
Caracterização do meio local	21
Caracterização do Agrupamento / Escola	21
Caracterização do grupo	23
Capítulo II – O estudo.....	26
Contextualização do problema	27
Revisão da Literatura.....	29
A interdisciplinaridade no contexto educativo	29
A interdisciplinaridade no processo de ensino e aprendizagem	31
Interculturalidade.....	32
O que as crianças pensam sobre outros povos.....	35
Opções Metodológicas.....	38
Problema e questões de investigação.....	38
Investigação Qualitativa em Educação.....	39
Participantes.....	40
Recolha de dados	40

Observação.....	41
Meios audiovisuais (fotografia).....	42
Documentos dos alunos.....	42
Questionários.....	42
Apresentação e Análise dos dados.....	44
Portugal.....	44
Atividade 1.....	44
Atividade 2.....	47
Atividade 3.....	48
Atividade 4.....	50
Egito.....	52
Atividade 5.....	52
Atividade 6.....	53
Atividade 7.....	55
China.....	57
Atividade 8.....	57
Atividade 9.....	59
Atividade 10.....	60
Atividade 11.....	62
Atividade 12.....	64
Conclusões do Estudo.....	67
1 - Que perceções apresentam os alunos sobre outras culturas?.....	67
2 – De que modo as atividades desenvolvidas envolvendo outras culturas influenciam as aprendizagens dos alunos?.....	69
3 – Que balanço se pode fazer do projeto desenvolvido tendo em conta aspetos como a empatia e o respeito pela diversidade cultural?.....	70
Limitações do estudo e recomendações para futuras investigações.....	72
Capítulo III – Reflexão Final.....	74
Bibliografia.....	79
Anexos.....	82
Anexo 1 – Questionário aos alunos.....	82
Anexo 2 – Ficha de exercícios de consolidação com Muralha da China.....	83

Índice de Figuras

Figura 1 - Representação da disposição da sala de aula	23
Figura 2 - Bandeira de Portugal	44
Figura 3 - Texto construído pela turma	46
Figura 4 - Slide utilizado na apresentação do número total de pessoas a viver em Portugal	47
Figura 5 - Alunos ilustrando a bandeira de Portugal	49
Figura 6 - Imagem utilizada para a exploração da bandeira de Portugal.....	49
Figura 7 - Jogo tradicional do salto à corda e corrida de sacos.....	51
Figura 8 - Bandeira do Egito	52
Figura 9 - Turma a visualizar imagens e vídeos do país explorado	52
Figura 10 - Alunos a utilizar o alfabeto hieroglífico descodificando uma mensagem	54
Figura 11 - Alunos a construírem o colar egípcio a seu gosto.....	56
Figura 12 - Trabalhos realizados pelos alunos.....	56
Figura 13 - Bandeira da China.....	57
Figura 14 - Resolução da ficha de trabalho de consolidação	58
Figura 15 - Representação da aplicação do jogo do "STOP"	59
Figura 16 - Momento de degustação da massa típica chinesa	61
Figura 17 - Turma explorando a simetria da bandeira da China	63
Figura 18 - Alunos organizando e construindo o trabalho proposto	65
Figura 19 - Alunos apresentando o trabalho proposto	65
Figura 20 - Pequeno excerto retirado da composição do final de 4º ano de escolaridade da professora investigadora	78

Lista de abreviaturas

1º CEB – 1º Ciclo do Ensino Básico

Jl – Jardim de Infância

PES – Prática de Ensino Supervisionada

INE – Instituto Nacional de Estatística

Introdução

Com o crescente incremento da globalização e dos fluxos migratórios, faz-se sentir cada vez mais um aumento da multi/interculturalidade nas sociedades dos nossos dias, bem como a (con)vivência com a diversidade cultural. No mundo de hoje, com os novos meios de comunicação, os media, a internet, os rápidos meios de transporte e facilidades de deslocação, esta diversidade cultural e o “Outro” já não se encontram tão distantes de nós, mas sim cada vez mais próximos. Este estudo apresenta, assim, uma perspetiva socio-antropológica relativamente ao contacto com outros povos e culturas.

Assim sendo, surge o presente estudo, realizado no 1ºCEB onde pretende de certo modo contextualizar, sensibilizar e enquadrar esta crescente globalização, sem nunca esquecer a valorização da identidade da criança, bem como a sua identidade local.

O presente relatório surge no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada II do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico.

A intervenção educativa foi realizada ao longo de vinte e quatro semanas, num contexto de jardim de Infância e num de 1ºCEB pertencente a um dos Agrupamentos de Escolas do distrito de Viana do Castelo.

Este relatório encontra-se dividido em três capítulos principais. O primeiro refere-se à caracterização do contexto educativo, segue-se o projeto de investigação educativo e, por fim, a reflexão global sobre a PES.

O segundo capítulo está dividido em secções. A primeira refere-se ao que levou o desenvolvimento deste estudo e à necessidade da construção de planificações desenvolvidas para o problema. A segunda secção refere-se à pertinência do estudo, o problema e as suas questões de investigação que dele advêm. Na terceira secção segue-se a revisão de literatura, onde será apresentada uma fundamentação teórica a qual sustenta este trabalho de investigação contribuindo com uma abordagem de referência. Esta fundamentação teórica está organizada em quatro tópicos, nomeadamente, a interculturalidade, o que as crianças pensam sobre outros povos, a interdisciplinaridade no contexto educativo e a interdisciplinaridade no processo de ensino-aprendizagem. A

quarta secção diz respeito à metodologia adotada, referindo quais as opções metodológicas, a caracterização dos participantes e instrumentos de recolha de dados.

No quarto e último capítulo deste relatório é apresentada uma análise reflexiva acerca da PES I e PES II.

Capítulo I – Caracterização dos Contextos Educativos

Pré-escolar

Caracterização do meio local

O contexto educativo no qual decorreu a Prática de Ensino Supervisionada inseriu-se numa freguesia pertencente ao concelho de Viana do Castelo. Este concelho, com 24 km de orla costeira, localiza-se no norte de Portugal Continental e na província do Minho, sendo limitada a norte pelo concelho de Caminha, a leste por Ponte de Lima, a sul por Barcelos e Esposende e a oeste pelo Oceano Atlântico. O seu território ocupa cerca de 319 km² e tem aproximadamente 91 000 habitantes, dos quais aproximadamente 40 000 habitam na cidade, segundo os Censos de 2011 (INE, 2011). Do ponto de vista administrativo, o concelho de Viana do Castelo subdivide-se em 27 freguesias que, devido a uma reorganização administrativa agregou 40 freguesias o compunham.

A freguesia, onde o contexto de pré-escolar decorreu, é considerada um meio urbano com cerca de 8000 habitantes, (INE, 2001). A indústria, o comércio, a pesca fluvial e a hotelaria são os principais setores laborais. Como valores patrimoniais e aspetos turísticos podemos encontrar: a Igreja Paroquial, a Capela da Senhora das Areias, a praia do Cabedelo, a Quinta de Santoinho e o Monte do Galeão. As coletividades representativas desta freguesia: a SIRD - Sociedade de Instrução e Recreio Darquense, a ADD - Associação Desportiva Darquense e a Associação Columbófila. Está inserida num meio com várias vivendas e prédios, com um nível socioeconómico privilegiado. No entanto, é de referir que circundante a esta zona localiza-se um acampamento de etnia cigana.

Caracterização do Agrupamento / Jardim de Infância

Retratando ainda o referido contexto, a zona circundante, é caracterizada por edifícios em betão armado, contrastando com vivendas.

É uma escola do tipo P3 Adaptado, em bom estado de conservação pois foi restaurada recentemente.

Relativamente ao espaço físico, esta escola possui 6 salas de aula: 3 do primeiro ciclo, 1 sala da U.A.E.M. (Unidade de Apoio Educativo à multideficiência) e duas salas de pré-escolar; 2 “halls” entre as salas em ambos os pisos; uma sala multimédia; cantina com cozinha; um ginásio com balneário e um pátio exíguo. Possui ainda um amplo espaço de recreio com uma parte cimentada e outra em terra, com espaço jardinado e pinhal. Tem ainda um espaço destinado à horta pedagógica onde as crianças fazem também a compostagem.

A intervenção ocorreu na sala 2 do pré-escolar, que apresenta boas condições adaptadas às necessidades das 16 crianças que compõem o grupo. É uma sala que apresenta uma forma retangular de dimensões consideráveis, bastante iluminada pela luz natural, visto uma das paredes ser repleta por vidraças. Encontra-se também equipada com dois radiadores de aquecimento, o que favorece a climatização no inverno, três armários para arrumação, um quadro de giz, um grande quadro interativo e um videoprojector comum às restantes salas.

A sala de atividades está organizada de modo a que as crianças desenvolvam as suas ações segundo os seus interesses, seguindo uma orientação de aprendizagem ativa, de modo a que seja possível favorecer o desenvolvimento integral da criança, tendo esta um papel ativo na escolha de tarefas, resolução de conflitos e estabelecimento de relações recíprocas e democráticas. Encontra-se também dividida pelas seguintes áreas de trabalho: pintura, desenho, modelagem, quarto e cozinha, construções, livros e fantocheiro. Cada uma destas áreas disponibiliza também materiais acessíveis às crianças para que estas realizem as suas tarefas autonomamente. A variedade e quantidade de materiais disponíveis não é de todo significativa pelo facto desta ser uma sala em processo de estruturação, e que se encontra em funcionamento pela primeira vez. Assim sendo, os materiais têm vindo a ser gradualmente introduzidos. Quando as crianças

terminam as suas tarefas em determinada área, compete-lhes também zelar pela organização e arrumação do espaço.

Caracterização do grupo

O grupo no qual incidiu a intervenção é composto por 16 crianças, sendo 11 do sexo feminino e 5 do sexo masculino. É um grupo caracterizado pela sua heterogeneidade etária, que integra 9 crianças de 3 anos, 6 crianças de 4 anos e 1 criança de 5 anos. No que concerne a crianças com Necessidades Educativas Especiais, destaca-se apenas uma criança que conta com o apoio de uma professora de Educação Especial pela parte da manhã. Por ser um grupo com diferenças de faixa etária, naturalmente, ao longo do dia e nos diferentes momentos das rotinas diárias, esta diversidade evidenciou-se no desempenho de cada criança. A maturidade/imaturidade revelou-se na capacidade de atenção e concentração em grande grupo, conseguindo as crianças mais velhas manter uma postura mais adequada e participativa contrariamente às mais novas, que facilmente dispersavam a sua atenção, não conseguindo controlar a sua natural inquietude e impulsividade. É um processo de desenvolvimento mútuo, em que a diversificação de idades, permitirá aos mais velhos serem pequenos “instrutores” na conquista de aprendizagens e competências por parte dos mais novos, e por outra via, é também uma oportunidade de se sentirem valorizadas e responsáveis por serem incentivadas a colaborar e a ajudar dentro da dinâmica do grupo.

O grupo de crianças manifestou-se sempre muito ativo, curioso, recetivo e empenhou-se em praticamente todas as atividades realizadas, ultrapassando as dificuldades acima mencionadas. Relativamente às relações que estabelecem, foi possível constatar que é um grupo unido, existindo algumas situações de conflitos, quer quando em grande grupo, quer em pequeno grupo, momentos estes que envolviam as crianças na resolução de problemas. Assim, numa perspetiva democrática e de cooperação, as crianças compreendem progressivamente o valor de partilha e em simultâneo o egocentrismo, característica desta faixa etária, é mais controlado.

Para além das relações de amizade/afeto que as crianças estabelecem entre si, importa também ter em conta as relações que estabelecem com os adultos, pois influenciam em grande parte a sua maneira de ser. Hábitos de higiene, de comportamento e de educação são fatores em que as crianças veem o adulto como um modelo, salienta-se portanto a importância de um cuidado especial na tomada de decisões, atitudes e normas básicas de educação. O simples ato de tratar os materiais da sala de atividades com cuidado e delicadeza, o agradecer sempre que oportuno e ajudar sempre que necessário são alguns exemplos a ter em consideração perante um grupo de crianças que veem na educadora alguém que prima pelo correto.

A nível de vocabulário, o grupo apresenta uma boa comunicação verbal, mantendo longas conversas principalmente acerca das suas vivências. Grande parte destas conversas acerca de si próprio é em parte como uma forma de chamar a atenção. No desenvolvimento afetivo e social, o grupo mostra-se sensível e preocupado com a opinião dos outros. Daí o surgimento em alguns momentos do dia um divertimento e até troça quando os colegas se enganavam. Ainda no seguimento desta ideia, alguns elementos do grupo para se fazerem reconhecer, para serem aceites e aprovados, montavam pequenos espetáculos para que os outros assistissem e achassem graça.

A nível de desenvolvimento motor, verificou-se alguma liberdade e desenvolvimento nos seus movimentos. Algumas crianças encontravam-se mais desenvolvidas a nível motor e por isso já trepavam e até saltavam num só pé. Relativamente à motricidade fina, grande parte do grupo já possui a mão dominante pelo que ainda assim mostram dificuldades em tarefas minuciosas como o recortar, manipular materiais de pequenas dimensões ou o pintar dentro dos limites definidos. Mostraram-se capazes de copiar uma figura geométrica simples e os seus desenhos já se tornavam relativamente fáceis de reconhecer e interpretar.

Percurso da Intervenção Educativa no Pré-escolar

A prática de Ensino Supervisionada no Jardim de Infância foi desenvolvida ao longo de três meses. As primeiras três semanas foram inteiramente dedicadas à

observação, onde foi permitido assistir a algumas implementações de profissionais com anos de experiência na área. Permitiu também uma exploração do meio local, das características das salas do Jardim de Infância, que condições ofereciam e que materiais estariam disponíveis a explorar.

Estas semanas de observação tiveram um impacto bastante importante e crucial nas semanas de implementação que se seguiram. Foi uma oportunidade de observar atentamente cada momento do dia desde o acolhimento das crianças pelas auxiliares, do desenrolar das rotinas diárias e desenvolvimento das atividades do dia por parte da educadora, das práticas de higiene e comportamentos na hora de almoço, das horas livres no recreio da escola e do acolhimento por parte dos familiares das crianças.

Depois de uma observação atenta a todos estes momentos, práticas e detalhes foi possível compreender a realidade do dia-a-dia numa sala de Jardim de Infância. Desta forma foi possível melhorar e complementar algumas práticas implementadas pela educadora tendo sempre em conta as necessidades, preferências e interesses do grupo de crianças.

Tendo em consideração as potencialidades e dificuldades manifestadas pelas crianças, foi relevante traçar objetivos e estratégias a fim de favorecer o desenvolvimento do grupo de crianças da sala, nas diferentes áreas de conteúdo.

Recorrendo aos conselhos da educadora e às Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, foi-me possível desenvolver atividades e proporcionar aprendizagens enriquecedoras, lúdicas, experimentais e criativas às crianças.

No que diz respeito à metodologia utilizada, procurou-se respeitar o ritmo e estilo de aprendizagem de cada criança. Assim, foi proporcionado à criança o tempo e espaço que ela necessita para executar a tarefa/atividade, uma vez que existe a consciência de que é um grupo com diferenças de faixa etária, ou seja, as crianças não se encontram na mesma fase de desenvolvimento nas diversas áreas.

Relativamente à Área de Formação Pessoal e Social, foram abordados conteúdos como a autonomia, a independência, a educação para os valores, a educação para a cidadania e a criação de Regras. Para tal definiram-se os seguintes objetivos:

- Adquirir hábitos de higiene e de saúde;

- Explorar o espaço na sala;
- Desenvolver a responsabilidade;
- Adquirir maior independência no uso dos materiais;
- Conhecer e valorizar as normas de convivência em grupo;
- Explorar o mundo afetivo;
- Identificar e expressar os seus gostos;
- Reconhecer e aceitar diferenças;
- Adquirir hábitos de participação ativa e de responsabilidade na sala;
- Conhecer e respeitar as regras da sala;

As dificuldades sentidas na abordagem desta área prendem-se essencialmente com o cumprimento das regras implementadas, pois em certos momentos de agitação e distração as crianças tinham que ser lembradas das regras que foram acordadas entre todos. Grande parte dos objetivos referidos anteriormente, são objetivos a trabalhar ao longo dos anos pois, não só as crianças mais novas como as mais velhas têm dificuldade em atingir tais fins.

Relativamente à Área de Expressão e Comunicação, foram vários os domínios e subdomínios explorados e especificando o Domínio da Educação Física os conteúdos foram: a Motricidade global, motricidade fina, jogos de movimento, jogos tradicionais. Tendo como objetivos:

- Conhecer e explorar as suas possibilidades expressivas;
- Conhecer e valorizar as possibilidades expressivas do seu próprio corpo;
- Utilizar corretamente diversos objetos no seu quotidiano;
- Utilizar e dominar melhor os movimentos do seu corpo;
- Desenvolver a capacidade de inibição de movimento;

O domínio de Educação Física é um domínio de grande importância pelo qual as crianças demonstram um natural interesse e preferência pelo facto de poderem correr livremente, realizar jogos onde se divertem, libertando energia e, sem darem conta, desenvolvem as suas capacidades motoras. Acabou por ser um domínio de certo modo difícil de trabalhar pois sentiu-se algumas dificuldades no encadeamento dos exercícios,

na gestão do tempo e na organização do grupo de crianças que ao se depararem um amplo espaço dispersavam-se facilmente.

Relativamente ao Domínio da Educação Artística, foram explorados todos os subdomínios que o compõem. Pelo facto do tempo ser escasso, alguns conteúdos foram abordados de forma mais expressiva do que outros. No subdomínio das Artes Visuais destacaram-se a pintura, o desenho, a colagem e modelagem, tendo como objetivos:

- Conhecer e utilizar diversos materiais e técnicas para realizar composições plásticas;
- Conhecer e explorar as suas possibilidades expressivas
- Precisar os movimentos digitais necessários para realizar com precisão produções artísticas individuais
- Manipular corretamente os utensílios básicos usados nas atividades plásticas

O subdomínio do Jogo Dramático / Teatro foi um dos subdomínios no qual foram sentidas algumas dificuldades por não haver confiança na exploração deste. Assim sendo, foi um subdomínio trabalhado mas não muito explorado ao longo das implementações, tendo-se ainda assim verificado o interesse e a capacidade de atenção que a crianças manifestaram. Os conteúdos trabalhados foram: jogo simbólico, teatro de fantoches e pequenas dramatizações. Como objetivos definidos:

- Conhecer e explorar as suas possibilidades expressivas
- Utilizar as possibilidades do corpo para expressar sentimentos e emoções;

Relativamente ao subdomínio da Expressão Musical, o grupo de crianças contava com uma docente formada em música onde todas as quartas-feiras durante a tarde lhes proporcionava uma hora de atividades musicais. Ainda assim, a Expressão musical foi implementada durante algumas sessões onde foram aprendidas e interpretadas algumas músicas consoante a temática abordada. Através das observações das implementações pela docente especializada na área, foram aprendidas e até utilizadas posteriormente, algumas estratégias adotadas para captar o interesse, fomentar a curiosidade e entusiasmo das crianças. O fator surpresa e o “faz de conta” foram fatores notáveis para que a hora dedicada à expressão musical se tornasse apreciada e ansiada por todos. O

gosto e empenho demonstrado no trabalho desenvolvido pela docente, evidenciou-se no entusiasmo e satisfação das crianças perante as atividades implementadas.

O domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita foi um dos domínios mais trabalhados ao longo das semanas. Os conteúdos abordados foram: diálogo, lengas-lengas, rima, histórias e poesias. Os objetivos definidos:

- Expressar os seus gostos, necessidades e desejos;
- Aprender e compreender narrações, contos e mensagens orais;
- Utilizar frases simples, com pronúncia clara e estruturada;

Relativamente ao último domínio desta área, o domínio da Matemática, foi um domínio com dificuldades sentidas por algumas crianças, nomeadamente das mais novas. Os conteúdos trabalhados foram: cores, tamanhos, conjuntos e figuras geométricas. Os objetivos definidos para estes conteúdos foram:

- Identificar as cores primárias;
- Conhecer os termos: grande/pequeno;
- Identificar as formas geométricas: o círculo, o quadrado, triângulo e retângulo;
- Comparar tamanhos de objetos (grande, pequeno, médio);

Relativamente à Área do Conhecimento do Mundo, é uma área na qual as crianças se sentem naturalmente à vontade para uma abordagem e exploração profunda nas atividades. Os conteúdos abordados foram: família, animais, festividades, estações do ano, meteorologia, experiências e o corpo humano. Os objetivos definidos para tais conteúdos foram os seguintes:

- Identificar os membros da família;
- Conhecer alguns serviços públicos, os profissionais que os exercem e as atividades que desenvolvem;
- Conhecer algumas formas de vida animal, manifestando atitudes de respeito e de cuidado;
- Adquirir hábitos saudáveis de alimentação;
- Identificar algumas variações climáticas ligadas às estações do ano;
-Conhecer e valorizar as tradições de Natal/Carnaval/Páscoa.

-Reconhecer algumas características de animais e de plantas.

Para além das implementações, no âmbito do decorrer da PES houve a oportunidade de um envolvimento na comunidade escolar como em festas e saídas. A primeira festa realizada foi a festa de S. Martinho, onde se proporcionou um teatro com os mais pequenos. No dia assinalado para a comemoração deste dia, apresentou-se então o teatro à restante comunidade escolar que pela parte da tarde ainda foi possível a realização do magusto organizado no exterior da escola.

Para comemorar a época natalícia, assistiu-se a um espetáculo organizado pelas professoras formadas em música, onde foi demonstrada disponibilidade por todos os presentes, para ajudar no que fosse necessário.

Ao longo destes três meses intensivos, foi desenvolvido conjuntamente com as crianças um projeto de empreendedorismo. Depois de definido o sonho do grupo, “uma piscina com água e bolas”, passou-se então ao questionamento: “Como vamos? A quem teremos que recorrer para nos ajudar? Como pedimos ajuda? De que precisamos?”. Depois de debatidos e solucionados todos estes passos, resolveu-se então escrever uma carta dirigida à Câmara Municipal de Viana do Castelo onde as crianças relatavam o seu sonho e pediam uma hora numa piscina e um autocarro que as pudesse levar e trazer de volta à escola. Recebendo a resposta positiva por parte da Câmara com a cedência do transporte e da hora na piscina, passou-se então ao envio dos pedidos de autorização aos familiares das crianças. De seguida, foi também organizada pelo grupo uma lista de materiais que seriam necessários para uma ida à piscina (touca, fato de banho, chinelos, toalha, muda de roupa...). Para que houvesse um maior envolvimento por parte da família, o grupo de crianças escreveu uma carta a um dos pais pedindo a presença e colaboração na piscina, pois este pai era formado em Educação Física. No dia combinado, as crianças foram de autocarro até à piscina, divertiram-se com o par de estagiárias e com a ajuda do pai que se mostrou desde logo disponível. No fim voltaram todos de autocarro para a escola onde teriam um almoço preparado.

Foi um projeto interessante e acima de tudo desafiante, pois foi possível o envolvimento de crianças com uma faixa etária de 3 / 4 anos num projeto de

empreendedorismo onde teriam que solucionar problemas que iriam surgir ao longo do caminho e arranjar meios para chegar a um fim contando com a ajuda e colaboração de outros. Este grupo mostrou-se capaz de contornar as dificuldades sentidas e ainda expuseram às restantes crianças de outros Jardins de Infância, qual o projeto que desenvolveram, como e do que precisaram.

“Através do trabalho de projeto, a criança move-se adiante do seu próprio desenvolvimento.” (Vygotsky, 1978)

Para terminar, foi deveras gratificante acompanhar este grupo num projeto de empreendedorismo, vendo-o ultrapassar dificuldades, a reterem aprendizagens e acima de tudo a mostrarem-nos que são capazes de tudo desde que lhe proporcionemos as ferramentas e a ajuda que precisam.

Ensino 1º CEB

Caracterização do meio local

Assim como aconteceu na PES I, o contexto educativo onde decorreu a PES II insere-se numa freguesia pertencente ao concelho de Viana do Castelo.

Esta freguesia onde se insere o centro educativo, possui uma área de aproximadamente 17,10 km², contando ainda com uma densidade populacional de 27,1 h/km² (INE, 2011).

Os principais setores laborais desta região são a agricultura, a pecuária, a indústria e o comércio. É através deles que a freguesia se tem desenvolvido.

É uma freguesia caracterizada pela sua beleza paisagística, com grandes espaços verdes e cursos de água que convidam as pessoas que por lá passam a desfrutar de tal beleza natural. Devido á proximidade do rio, formou-se nesta freguesia uma praia fluvial que faz as delícias de muitos nos dias mais quentes.

Apesar destas características naturais, destacam-se também outras características onde o homem assume a sua total responsabilidade. Uma delas é o património arquitetónico, onde a arquitetura medieval assume uma importância relevante na história desta freguesia bem como na atração de turistas vindos de toda a parte.

Caracterização do Agrupamento / Escola

O centro escolar integra-se num amplo espaço com condições exemplares onde dele faz parte um jardim-de-infância e 1º e 2º ciclo. Ambos os ciclos partilham o mesmo espaço físico exterior, sendo que algumas zonas se destinem apenas a crianças do nível pré-escolar. O restante espaço exterior é rodeado por uma vasta área relvada e duas áreas cobertas onde em dias de chuva as crianças podem se abrigar de maneira a não se privarem das suas habituais brincadeiras. Ainda em espaço aberto podemos encontrar um campo de futebol/basquetebol, um trampolim e ainda um espaço com bicicletas disponíveis para os mais radicais.

Relativamente ao espaço interior, o edifício divide-se em duas partes que se articulam entre si. Uma parte é constituída por salas destinadas ao 1º e 2º ano de escolaridade, a segunda parte do edifício destina-se ao 3º, 4º e 5º ano de escolaridade.

Cada uma das partes dispõe de uma casa de banho. No rés-do-chão do edifício encontra-se o ginásio, a cantina, a biblioteca e ainda o jardim-de-infância constituído por quatro salas. Os pisos e corredores são bastante amplos possibilitando a existência de áreas de convívio entre as salas de aula e armários de arrumação.

No que diz respeito a recursos que apoiam as áreas disciplinares, o centro escolar está apetrechado com vários materiais didáticos onde os professores podem enriquecer as suas aulas, principalmente na área da Matemática (jogos de cálculo mental, espelhos, calculadoras, tangrans, material multibase, sólidos geométricos, material cuisenaire, geoplanos, entre outros) e do Estudo do Meio, mais concretamente na área das Ciências físicas onde nos deparamos com um laboratório científico altamente equipado (batas, luvas, planetário, vulcão, pinças, goblés, jogos didáticos, entre outros).

Em relação a recursos humanos, o centro escolar conta com 6 professores titulares, duas professoras de apoio/ de Educação Especial. Conta ainda com três professores encarregues pelas Atividades de Enriquecimento Curricular: Expressão Físico-Motora, Expressão Plástica e Inglês. Quanto ao pessoal não-docente, existem seis assistentes ficando encarregues da organização e gestão de períodos não letivos.

A intervenção ocorreu num 2º ano de escolaridade, cuja sala apresenta condições adequadas e favoráveis à aprendizagem dos 16 alunos que constituem a turma. É uma sala espaçosa, bastante iluminada pois uma das paredes é repleta de janelas basculantes. Tem uma grande banca onde os alunos realizam a higienização das mãos e por baixo desta situam-se móveis para arrumação de livros escolares entre outros materiais. Ligada á sala de aula, encontra-se um compartimento de arrumações onde trabalhos de maior dimensão e materiais com necessidade de utilização mais frequente são lá arrumados.

No que refere à organização, as mesas dos alunos estão dispostas em “u” onde a professora reorganiza os alunos consoante as suas dificuldades, comportamento e capacidade de atenção. Estão ainda dispostas quatro mesas no centro das restantes em “u” para os alunos com dificuldades educativas especiais. Dispõe ainda de uma mesa com computador para o professor, quadro interativo, quadro branco, quadros de cortiça e videoprojector.

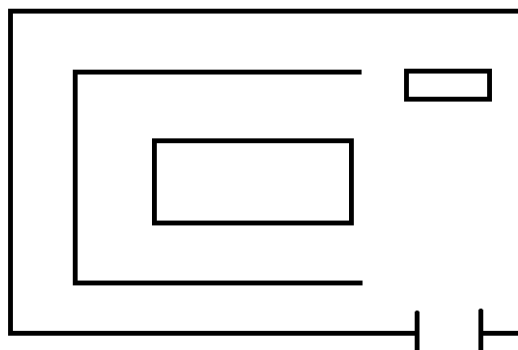


Figura 1 - Representação da disposição da sala de aula

Caracterização do grupo

A intervenção ocorreu numa turma composta por 16 alunos, sendo 7 do sexo masculino e 8 do sexo feminino. É um grupo com idades compreendidas entre os 7 e 8 anos de idade, verificando-se uma homogeneidade entre as idades dos alunos.

Relativamente a aluno com Necessidades Educativas Especiais, destacam-se dois alunos com baixa capacidade de atenção, dificuldade em decodificar letras e consequentemente palavras e frases, dificuldade em cálculo mental e dificuldades de organização. Estas dificuldades mencionadas tornam-se entraves à construção da personalidade da criança pelo que se verifica por consequência uma certa insegurança e baixa autoestima perante a restante turma. Como forma de combater estas dificuldades, os alunos podiam contar com uma hora de apoio todos os dias durante a manhã ou durante a tarde, consoante as recomendações da professora titular para com a professora responsável pelo apoio.

No que refere às habilitações literárias dos pais da turma em análise, destaca-se a licenciatura, onde apenas uma minoria apresenta o 9º ano. Entre as atividades profissionais, destaca-se o sector dos serviços público e privado, desempenhando funções como professores, agentes de autoridade, administrativos e comércio.

A nível de comportamento na sala de aula, os alunos apresentam um comportamento adequado, embora por vezes tenham dias em que se apresentam mais agitados e conversadores. Como a capacidade de atenção do grupo é limitada (normal da faixa etária), ao se encontrarem agitados e desatentos perturbam o tempo de aprendizagem pelo que se torna difícil de os retornar a captar à atenção.

A turma, de um modo geral, apresenta um bom comportamento, interesse e empenho nas aprendizagens. É uma turma que na sua maioria revela uma participação ativa e coerente, ainda assim verificam-se alguns casos de alunos com dificuldades de concentração o que depois se repercute na aprendizagem e o que leva a que o professor adote um ritmo de trabalho mais lento. Estes alunos revelam dificuldades principalmente na área do Português, onde a construção de textos, a interpretação de questões inerentes a textos, o domínio ortográfico e a aplicação de regras gramaticais são constantemente grandes desafios para eles. Nesta área, revelam, portanto, pouca autonomia e confiança tendo, por isso, que esta área seja constantemente trabalhada.

Já na área da Matemática a turma revela um bom nível de aprendizagem, ainda assim alguns alunos revelam necessidade de apoio nomeadamente na interpretação de problemas matemáticos, dificuldades em certas operações e ainda dificuldades no que diz respeito ao cálculo mental.

A área de Estudo do Meio é a área que desperta mais interesse da turma. Uma área que provoca um grande entusiasmo por se tratar de temas que os alunos têm gosto e por que por vezes já têm conhecimento dos conteúdos a abordar despoletando confiança e segurança por parte dos alunos. A constante participação ativa por parte da turma, colocando questões e partilhando curiosidades é notória.

Relativamente à área das expressões, nomeadamente, musical, plástica, dramática e motora, estas são áreas que agradam a todos e onde as dificuldades sentidas são praticamente inexistentes.

No 1º ciclo as crianças encontram-se no estágio das operações concretas que se situa entre os sete e doze anos de idade. Neste estágio, a criança conseguem realizar operações simples; já têm a capacidade de se colocar no ponto de vista do outro; o seu

pensamento é mais estruturado bem como a sua linguagem; consegue estar mais tempo concentrada e interessada numa tarefa a realizar, o que não se verifica em estádios anteriores. Embora se torne mais desenvolvida, ainda depende do mundo concreto para chegar à abstração. Segundo a teoria do desenvolvimento de Lawrence Kohlberg, as crianças que frequentam este contexto escolar em questão situam-se no nível 1 (Pré-Convencional) onde ainda orientam o seu comportamento por base da Orientação autointeresse, ou seja, para realizarem uma tarefa ainda estão á espera de algo em troca ou de uma recompensa.

Capítulo II – O estudo

Contextualização do problema

Neste capítulo expor-se-á a pertinência do estudo desenvolvido, bem como a necessidade deste tipo de intervenção nos primeiros anos de escolaridade promovendo a Interculturalidade e a sensibilização da empatia e respeito por outros povos.

Atualmente nas nossas escolas, evidencia-se um certo compartimento estanque entre as várias áreas do saber, tornando-se evidente a falta de um fio condutor entre elas para que haja um certo seguimento natural ao longo das aprendizagens.

De acordo com a pedagogia tradicional, o professor apenas se limita a transmitir o conhecimento, sendo o detentor de todo o saber. O papel da escola centra-se principalmente na reprodução de conhecimentos. Já a relação de aprendizagem entre professor e aluno é baseada acima de tudo em autoridade que “...exige atitude recetiva dos alunos. O professor transmite o conteúdo como verdade a ser absorvida; em consequência, a disciplina imposta é o meio mais eficaz de assegurar a atenção e o silêncio” (Libâneo, 2006, p.24).

Nesta perspetiva também se entende que o material didático não possui grande importância, apenas o livro didático é utilizado durante as aulas funcionando como um apoio e suporte. Ou seja, é o livro didático que determina e objetiva o que será lecionado e o que o aluno terá que aprender.

Já a pedagogia da Escola Nova contrapõe estes factos do ensino tradicional. Já demonstra preocupação e respeito pelas diferenças de cada um. A valorização do “eu” também surge nesta nova perspetiva, criando atividades adaptadas às necessidades e dificuldades de cada um. A autoridade do professor deixa também de fazer parte deste tipo de ensino, passando o papel do professor por auxiliar a aprendizagem do aluno.

Relativamente aos materiais didáticos, começa então a haver jogos didáticos, entre outros materiais alternativos de modo a cativar e estimular a atenção e interesse dos alunos de uma forma mais lúdica.

Efetivamente, é possível a interligação entre disciplinas que aparentam ser bastante diferentes. Esta interação estimula a formação de um saber mais crítico e reflexivo por parte dos alunos, saber este que é cada vez mais valorizado no processo de ensino-aprendizagem. Desta forma, a fragmentação entre as diversas áreas é superada, proporcionando assim uma espécie de diálogo entre elas relacionando-as e conectando-as para a compreensão da realidade.

Pelas razões acima mencionadas, pelas experiências vividas ao longo do estágio e pelas aulas assistidas ao longo deste percurso, foi possível entender a importância da interdisciplinaridade, bem como da importância do “fio condutor” que é necessário manter ao longo do dia de modo a interligar todas as áreas de uma forma harmónica. Também se tornou imprescindível a utilização de estímulos e estratégias para captar a atenção dos alunos e até para que participassem nas atividades propostas.

Ao longo dos tempos de observação, foi notório o interesse e entusiasmo demonstrado pela turma relativamente a aspetos culturais da sua terra local, pois todas as semanas tinham oportunidade de conhecer um pouco mais do seu património, um projeto implementado pela Câmara para dar a conhecer aos mais novos a sua História e tradições.

Assim sendo, o culminar da importância da interdisciplinaridade com o gosto demonstrado pela comunidade escolar acerca do património cultural, tornou-se evidente ser a investigação a seguir. Tendo em conta um dos objetivos gerais do programa “Reconhecer e valorizar o seu património histórico e cultural e desenvolver o respeito por outros povos e culturas, rejeitando qualquer tipo de discriminação” (Ministério da Educação, 2004 p. 104), e de modo a não se tornar repetitivo, foi proposto aos alunos atividades relativas ao Património Mundial. Ou seja, de modo a lecionar os conteúdos do Programa, foram criadas atividades cuja motivação seria em torno de um país previamente escolhido pela turma em questionário (monumentos conhecidos mundialmente, tradições, vestuário, gastronomia).

Revisão da Literatura

Nesta secção será apresentada a revisão de literatura, uma parte muito relevante deste trabalho para sustentar e fundamentar a investigação realizada em contexto procurando assim, obter uma melhor compreensão através de várias referências que serão discutidas e integradas na temática central deste relatório.

A interculturalidade e interdisciplinaridade são dois dos focos desta abordagem, seguindo-se a antropologia, numa perspetiva cultural, dado o enquadramento da abordagem que foi feita com as crianças.

A interdisciplinaridade no contexto educativo

Hoje em dia, cada vez mais os docentes tendem a dar respostas às dificuldades e problemas dos alunos, na aprendizagem de novos conteúdos e até mesmo às próprias dificuldades do professor na passagem de conhecimento aos alunos. Assim sendo, parte-se em busca de novas práticas curriculares que possam dar resposta e resultados face a essas mesmas dificuldades sentidas.

Nos primeiros quatro anos de escolaridade sente-se que, de facto, as disciplinas a abordar são bastante verticais. Com isto, quer-se dizer que se sente uma barreira invisível entre elas, ou seja, não existe qualquer ligação entre as mesmas. Daí a necessidade de criar um fio condutor entre as diversas áreas do saber, de modo a que o professor leccione de forma articulada.

Numa primeira fase, importa então refletir sobre a origem e conceitos de interdisciplinaridade. Podemos afirmar, que a afirmação da ciência moderna na época renascentista, favoreceu uma visão mais abrangente do conhecimento científico.

Através da influência de grandes pensadores modernos como Galileu, Bacon, Descartes, Newton, Darwin entre outros, foram-se especializando as suas áreas/ciências,

tornando-as mais independentes, especializadas e divididas. Estas mesmas ciências procuravam explicar o mundo através de concepções científicas influenciadas sobretudo por correntes mecanicistas e de pensamento naturalista. A interdisciplinaridade, surge como um movimento contemporâneo que rompe com a fragmentação entre as Ciências e saberes.

Goldman (1979) destaca que a interdisciplinaridade, inicialmente, surge como uma preocupação humanista para além da preocupação com as ciências naturais. Desde então, todas as correntes de pensamento ocuparam-se com esta questão da interdisciplinaridade, como por exemplo o existencialismo procurou dar às ciências um lado mais humano, ou a epistemologia que procurou desvendar o processo de construção do conhecimento e garantir uma maior integração entre as ciências.

Mais do que encontrar ou definir um conceito de interdisciplinaridade, o que os autores procuram é encontrar um sentido epistemológico, o seu papel e as suas implicações no processo de conhecer/aprender.

Japiassu (1976) afirma que é imprescindível a complementação de métodos, conceitos e estruturas sobre os quais se fundam as várias práticas pedagógicas das disciplinas científicas. Destaca ainda que “...do ponto de vista integrador, a interdisciplinaridade requer equilíbrio entre amplitude, profundidade e síntese. A amplitude assegura uma larga base de conhecimento e informação. A profundidade assegura o requisito disciplinar e/ou conhecimento e informação interdisciplinar para a tarefa a ser executada. A síntese assegura o processo integrador.” (p. 65-66)

O que estas abordagens teóricas propõem, é uma completa revisão de pensamento, caminhando para uma intensificação do diálogo, da integração conceitual e metodológica nos vários campos do saber.

De acordo com Japiassu (1976)

Podemos dizer que nos reconhecemos diante de um empreendimento interdisciplinar todas as vezes em que ele conseguir incorporar os resultados de várias especialidades, que tomar de empréstimo a outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicos, fazendo uso dos esquemas conceituais e das análises que se encontram nos diversos ramos do saber... (p.75)

O papel da interdisciplinaridade não é então mais do que uma ponte lançada entre as várias disciplinas desfazendo as fronteiras criadas entre elas.

A interdisciplinaridade no processo de ensino e aprendizagem

Como lugar de aprendizagem e produção de conhecimento, a escola precisa de acompanhar as transformações do mundo atual nomeadamente, do ponto de vista social e cultural. Embora haja um esforço institucional para um desenvolvimento de experiências interdisciplinares, existe um conjunto de razões que promovem certas limitações. Entre estas limitações, destacam-se a forma fragmentada como os currículos escolares estão estruturados e a importância e relevância que cada professor dá à sua disciplina.

Para Thiesen (2008), “o estabelecimento de um trabalho de sentido interdisciplinar provoca, como toda a ação a que não se está habituado, sobrecarga de trabalho, certo medo de errar, de perder privilégios e direitos estabelecidos.” Está claro, que é certamente um grande desafio a orientação para a interdisciplinaridade na prática pedagógica, pois implica um romper de hábitos e acomodações e implica a procura de algo novo e desconhecido.

Relativamente às limitações da prática, a interdisciplinaridade começa a ser entendida como algo fundamental no ensino e na pesquisa da sociedade contemporânea. Esta ação interdisciplinar é contraditória à homogeneidade e por esta mesma razão é necessário um desmantelamento de fronteiras do conhecimento, para que este processo educativo possibilite o aprofundamento da compreensão entre a relação da teoria e prática, contribua para uma formação mais crítica, criativa e responsável, e que coloque novos desafios à escola e professores.

Para Ivani Fazenda (1979), *“passa-se de uma relação pedagógica baseada na transmissão do saber de uma disciplina ou matéria, que se estabelece segundo um modelo hierárquico linear, a uma relação dialógica na qual a posição de um é a posição de todos”* (p.48-49).

Efetivamente, a introdução da interdisciplinaridade implica na educação uma grande transformação pedagógica, uma nova formação de professores e uma nova forma de ensinar em que o professor passa a ser um mediador por excelência.

A interdisciplinaridade, segundo Paulo Freire (1987), é um processo metodológico de construção de conhecimento pela pessoa, tendo por base uma relação entre o contexto, a realidade e a cultura. Assim sendo, o professor precisa de se tornar num profissional com uma visão mais integrada da realidade pois, compreender de uma forma mais profunda a sua área de formação, não é suficiente para dominar todo o processo de ensino e aprendizagem.

É um fenómeno que acredita na criatividade, no diálogo, na problematização e na atitude crítica. Um movimento importante na articulação do ensinar com o aprender.

Interculturalidade

Embora os termos Interculturalidade e Multiculturalidade possam dar ideia de um único conceito, o facto é que existem algumas diferenças entre eles.

Leite (2002) afirma que o termo intercultural pressupõe uma interação das várias subculturas contribuindo para o enriquecimento das mesmas, enquanto que o termo multicultural deve partir do reconhecimento de diferentes culturas num determinado meio. A Educação Multicultural, tendo em conta este princípio, só terá lugar em ambientes escolares onde existam realmente interações entre culturas presentes em ambientes escolares onde se pratique uma educação intercultural. Esta tem como objetivo fomentar a mudança de atitudes que proporcionem empatia, compreensão e tolerância entre grupos. Esta definição de Educação multicultural sugere uma existência de uma variedade de universos culturais no contexto escolar. Este tipo de educação é bastante enriquecedora pois dá a possibilidade aos indivíduos de experimentarem e vivenciarem outras culturas e realizarem-se assim, mais plenamente como seres humanos.

O que se pretende com a educação multicultural, não é a integração ou submissão das culturas minoritárias à cultura dominante, mas sim assegurar que todas as culturas sejam igualmente valorizadas, fazendo com que o pluralismo seja parte integrante da formação dispensada aos alunos.

Para que a educação intercultural/multicultural seja eficaz, é então necessário que se criem novos planos curriculares, para que através dos mesmos seja possível a expressão das múltiplas culturas, dominantes ou não. Para isso, implica uma maior flexibilização curricular. O currículo deverá ser organizado a partir da comunidade em questão. Tendo em conta a diversidade cultural de cada comunidade, não faz sentido a existência de um “currículo uniforme pronto a vestir tamanho único” (Formosinho, 1987).

Torna-se evidente a necessidade de incorporar novos conteúdos curriculares mais significativos, procurando, deste modo, dar respostas às necessidades de cada criança valorizando a sua identidade.

É complexo pensarmos que num determinado momento somos o Outro, então passamos grande parte do tempo a pensar que apenas os nossos valores e ideias é que são os mais corretos, verdadeiros e dignos, o que nos faz agir com pouca disponibilidade para entender e receber as diferentes formas de ser. “Para garantir a nossa identidade como legítima, muitas vezes, caímos nas armadilhas do preconceito, do distanciamento ou de olhar para os outros sob a óptica do exótico.” (Afonso & Cavalcanti, 2006, p.20).

Na Educação para a Cidadania, é necessário o desenvolvimento da capacidade intervenção e mediação no relacionamento de outras culturas e dos seus espaços, estimular o respeito de diferentes religiões e etnias. Este é um caminho de grande importância a ter em conta na educação, um caminho de aprendizagem, de respeito e também de aceitação da diferença valorizando o pluralismo como característica da nossa sociedade.

A educação para a cidadania deve ser apoiada em modelos educativos que levem ao melhoramento do comportamento humano tanto a nível de solidariedade como de justiça, enfatizando e a participação ativa na vida da comunidade.

Para a difusão dos conhecimentos cívicos da sociedade surge então como meios essenciais a família e a escola.

De acordo com os estudos de Araújo (2008),

a escola e o professor têm um papel fundamental a desempenhar na educação para a cidadania, mas que esta compete a todas as instituições da sociedade, sendo importante para o enriquecimento global das crianças, como pessoas, e para o desenvolvimento global da sua personalidade (p.12).

Nesta investigação os professores inquiridos revelam reconhecer a importância da prática da educação intercultural no sucesso escolar dos alunos com diferentes culturas. Sendo essencial a articulação com a educação para a cidadania na perspectiva de promover a integração destes alunos e respeitar a identidade cultural (Araújo, 2008).

Perante uma era de globalização, cada vez mais as crianças terão várias pertenças e cidadanias. Assim sendo, por este mesmo motivo, o sistema educativo está perante um desafio de extrema importância e até estimulante mas, para além disso, depara-se com o desafio e oportunidade para adquirir conhecimento, aprendizagem de competências sociais, diversidade cultural e social. Surge, então, a importância do papel do professor, na medida em que será a chave para se estabelecer significativas mudanças em relação ao que se estabelece na escola e como se coloca perante a diversidade. Para que tal suceda, acredita-se que o ponto de partida não será a sala de aula, mas passará por se formar um professor inter/multicultural (Afonso & Cavalcanti, 2006). Toda a mudança provoca receio e medo de errar, já que pressupõe a rutura de hábitos, acomodações e, por outro lado, a aprendizagem de algo novo e estranho, como tal também a prática interdisciplinar despertará estes sentimentos. Cabe ao professor ter “coragem necessária para abandonar o conforto da linguagem estritamente técnica e aventurar-se num domínio que é de todos e de que, portanto, ninguém é proprietário exclusivo.” (Thiesen, 2008, p.552).

“Ninguém é igual a ninguém. Todo ser humano é um estranho ímpar.”

Carlos Drummond de Andrade

O que as crianças pensam sobre outros povos

A infância é uma fase da vida da criança em que o real é precisamente o grupo que a rodeia, como a família e o meio envolvente. É através deste grupo que a criança vai moldando os seus comportamentos. Existe então a necessidade por parte da criança de distinguir o real do imaginário, já que o real é um ponto assente na sua vida.

O imaginário pode então ser definido como tudo aquilo que a criança vai captando do real. A criança vai modelando o imaginário de acordo com os seus medos e desejos, traçando assim uma representação muito própria (Virel, 1977). Tendo em conta esta definição, podemos então afirmar que o imaginário é a forma que a criança encontra para se adaptar ao meio, fazendo a junção de uma parte emotiva a uma parte real.

Numa outra perspetiva, Ribot (1900) afirma que a imaginação surge como uma função psicológica, estando esta associada a desejos e emoções de uma forma metafórica. De certa forma, a criança expressa o imaginário no seu quotidiano, através das suas ações, atitudes e pensamentos que darão origem a comportamentos. Para concluir, podemos então afirmar que o imaginário revela-se através de comportamentos e atitudes de forma inconsciente e face ao real.

Proveniente do nosso imaginário, reflete-se a representação que funciona como um instrumento de socialização, comunicação e perceção. Esta representação, que provém do imaginário, contribui para as relações que um individuo estabelece com etnias, países e povos. Sendo construções interpessoais, as representações não podem ser consideradas estagnadas ou isoladas, pois estas podem se manifestar e alterar-se ao longo de interações entre grupos socioculturais (Vasseur, 2001). Sendo assim, podemos falar em pré-representações, ou seja, ideias que já estão formadas que se vão alterando conforme as aprendizagens e a interação com os outros. A autorrepresentação de cada pessoa, ao nível da linguagem, cultura e sociedade é bastante importante na comunicação com outro individuo de outro grupo, pois será através desta interações que o outro irá construir as suas próprias representações (Cruz & Malo, 2004).

As culturas moldam as experiências das crianças e com a chegada da globalização e do aumento da multiculturalidade, tornou-se essencial o estudo da relação entre o

desenvolvimento das crianças e a cultura. Vários aspetos no desenvolvimento da criança são influenciados sob a cultura. Quando uma criança vive numa cultura sem um sistema de educação oficial, esta será moldada através da observação dos adultos, que por sua vez praticam atividades pertinentes relativas à sua cultura. Também o desenvolvimento sócio emocional é influenciado pela cultura, sendo este estimulado ou desencorajado para certos comportamentos. Embora grande parte dos estudos sobre desenvolvimentos sócio emocional tenham sido realizados com crianças da América do Norte, existem evidências de variação cultural. Para exemplificar, não é comum as crianças de países orientais brincarem de faz-de-conta ao contrário das crianças de países ocidentais. Quando as crianças de países orientais têm este tipo de brincadeira, tendem a imitar um membro da família e raramente encarnam uma personagem do imaginário.

Para além destas diferenças sócio emocionais, também existem diferenças no temperamento entre culturas. As crianças do Oriente, em países como a Coreia ou a China, tendem a ser mais ansiosas, retraídas e introvertidas, o que por consequência acabem por ser também menos sociáveis. Já na cultura ocidental este tipo de comportamento introvertido acima descrito, associa-se ao risco de problemas de interpessoais, como a solidão ou depressão o que dificultará a relação com o Outro. Em contrapartida, estes problemas interpessoais são muito menos frequentes nas crianças de cultura Oriental.

Estas diferenças devem-se ao significado que cada cultura atribui a estes comportamentos. Na cultura oriental, uma criança que seja introvertida é socialmente vista como competente, educada e obediente. Já na cultura ocidental, uma criança introvertida é sinónimo de uma criança ansiosa e com poucas habilidades a nível social.

As crianças de culturas onde se valoriza a interdependência demonstram menos agressividade e uma maior pró-sociedade nos seus comportamentos, ao contrário das crianças onde a independência e a competitividade são valorizadas. Culturas à parte, as crianças que se mostram menos agressivas e mais pró-sociais são preferidas por outras crianças.

Em todas as culturas se promove e partilha o desejo pelo desenvolvimento das crianças, mas estas diferem nas prioridades que definem. Por exemplo, no programa

“Sesame Street”, o programa original da televisão americana foi promovido com o objetivo de enfatizar a aprendizagem da leitura e matemática. Já na Irlanda do Norte, adaptou-se este mesmo programa dedicando a mesma ênfase para ações pró-sociais. Enquanto em Israel se enfatizou o respeito mútuo e a compreensão pelo Outro. (Cruz, Alves, Oliveira, Bastos & Mateus, s/d)

Opções Metodológicas

Nesta secção, primeiramente, será apresentada a pertinência deste estudo, seguindo-se da definição do problema e questões de investigação. Serão também apresentadas as opções metodológicas realizadas neste estudo, bem como a caracterização dos participantes e dos instrumentos implementados na recolha dos dados.

Problema e questões de investigação

Tendo em conta o que fora descrito anteriormente, esta investigação tem como finalidade perceber a importância da interdisciplinaridade e transversalidade na aquisição de conhecimentos tendo como pano de fundo e motivação a compreensão e o conhecimento de outras culturas.

Este estudo é essencialmente centrado no Estudo do Meio Social, mas tendo em conta a importância da perspetiva interdisciplinar refletida neste caso, este foi realizado não apenas no tempo destinado a esta disciplina mas também nos tempos destinados a todas as outras áreas.

Assim sendo, foram definidas as seguintes questões de investigação:

1. Que perceções apresentam os alunos sobre outras culturas?
2. De que modo atividades desenvolvidas envolvendo outras culturas influencia a aprendizagem dos alunos?
3. Que balanço se pode fazer do projeto desenvolvido tendo em conta aspetos como a empatia e o respeito pela diversidade cultural?

Investigação Qualitativa em Educação

Em função do desenho projetado para a investigação, entendemos seguir como orientação um paradigma de investigação qualitativo. Segundo Bogdan e Biklen (1994), este tipo de investigação define-se com as seguintes características: a fonte direta de dados é o ambiente natural, sendo o investigador o instrumento principal, sendo que “as ações são melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência” (p. 48); é uma metodologia descritiva pois, “os investigadores qualitativos abordam o mundo de forma minuciosa” (p. 49); enaltece o processo e o investigador dá sobretudo, relevância à compreensão e significado ao que os participantes atribuem às experiências vivenciadas.

Cresweel (2008), afirma que este tipo de estudo é realizado de uma forma muito natural, ou seja, é realizado no próprio contexto e não numa espécie de “laboratório”. Ou seja, neste tipo de estudo o investigador observa o comportamento para recolher dados ou recorre ao questionamento. Também Coutinho (2014) afirma que a investigação qualitativa tem como objetivo “compreender os fenómenos na sua totalidade e no contexto em que ocorrem, pelo que pode acontecer que só se conheça o foco do problema depois de se começar a pesquisa” (p. 329).

O foco da pesquisa qualitativa é aprender sobre o problema e ao longo dela ir direcionando-a para a obtenção de respostas e resultados.

É uma metodologia interpretativa pois os investigadores interpretam aquilo mesmo que veem e ouvem e também holística pois o assunto irá ser aprofundado tornando-se em estudo, envolvendo diversas perspetivas. (Creswell, 2008).

Tendo em conta que o objetivo deste estudo é perceber a importância da interdisciplinaridade e transversalidade na aquisição de conhecimentos tendo como pano de fundo e motivação a compreensão e o conhecimento de outras culturas em crianças do 2º ano de escolaridade, recorre-se a esta metodologia para uma análise mais aprofundada e reflexiva através de um envolvimento e contacto direto com os alunos, dando uma importância mais significativa ao processo do que propriamente ao resultado final.

Participantes

O estudo incidiu sobre uma turma do 2º ano de escolaridade, numa escola do distrito de Viana do Castelo. A turma era constituída por 15 alunos, dos quais, 7 do sexo masculino e 8 do sexo feminino. Todos os alunos, sem exceção participaram neste estudo. Embora alguns alunos apresentassem dificuldades de aprendizagem, não faria qualquer sentido ficarem de fora por esta razão. Por vezes, o trabalho a ser desenvolvido teve que tomar um ritmo mais moroso para que estes mesmos alunos acompanhassem a restante turma, principalmente nas áreas da Língua Portuguesa e da Matemática onde as dificuldades se faziam sentir com mais evidência. Nestes momentos em que os alunos com mais dificuldades necessitavam de um maior apoio da professora estagiária e de um maior espaçamento de tempo, foi também necessário a criação de atividades “extra” para que a restante turma, que terminava o trabalho proposto no tempo previsto, não se perdesse. Foi criada então a “Caixa dos desafios” que continha desafios matemáticos diferentes ao que já estariam habituados. Estes desafios para além de matemáticos, eram também desafios da Língua Portuguesa pois as “ratoeiras” da interpretação estavam sempre presentes. Esta estratégia, foi sem dúvida uma mais-valia.

As dificuldades na área do Estudo do Meio praticamente não se fizeram sentir. De facto, esta é uma área que os alunos demonstram um gosto especial e os resultados das avaliações falavam por si. A hora de Estudo do Meio, na perspetiva dos alunos, era sinónimo de hora de participar, partilhar experiências e conhecimentos. A confiança dos alunos, participação e boa disposição estavam sempre presentes na sala de aula.

Recolha de dados

De modo a proporcionar a informação desejada na investigação, é indispensável a eleição de métodos e fontes. Cohen & Manion (1990), afirmam que é necessário relacionar as informações que se pretendem com as possibilidades, para que assim seja

possível entender-se quais as que serão mais eficazes ou inadequadas face ao problema em questão.

Coutinho (2008) refere que as técnicas de triangulação consistem na combinação dos vários pontos de vista ou métodos de recolha de dados num mesmo estudo de forma a obter-se um resultado final “um retrato mais fidedigno da realidade ou uma compreensão mais completa do fenómeno a analisar” (p. 9). Ainda assim, estas diferenças não devem ser encobertas na interpretação de dados. Stake (1995) afirma que a triangulação consegue construir uma visão global sobre o problema, tornando a investigação mais sólida e coesa.

Assim sendo, quanto à recolha de dados, foram utilizadas neste estudo várias técnicas referentes à investigação qualitativa de modo a assegurar a sustentação através da triangulação.

Apresentam-se, de seguida, as técnicas utilizadas neste estudo.

Observação

Uma das técnicas utilizadas para a recolha de dados nesta investigação foi a observação. Antes de se iniciar as observações deve-se ter uma ideia prévia do que se irá observar pois, deste modo, irá ajudar a focalizar a atenção do investigador, selecionando as situações que mais lhe interessam. Na verdade, a observação regista de maneira bastante precisa e objetiva as atividades em que as pessoas se entregam (Quivy & Campenhoudt, 1992).

Segundo Blanchet, Ghiglione, Massonnat e Trognon (1989) existem três níveis de intervenção por parte do observador. O primeiro nível refere-se a uma intervenção mínima mantendo uma distância máxima de modo a inserir-se o menos possível na situação. O segundo nível refere-se a uma presença mais próxima do observador com o objeto de estudo, considerando-se uma observação participativa passiva. Por fim, o terceiro nível, no qual esta investigação se revê, o investigador compreende a dinâmica de uma situação, modificando-a, numa observação ativa e passiva.

Meios audiovisuais (fotografia)

Os meios audiovisuais são sistemas que tendem a captar o maior segmento da realidade possível com a mínima intervenção do observador. A utilização deste instrumento permite efetuar várias análises e enfoques e ainda identificar a variedade de variáveis (Evertson & Green, 1989).

Um dos instrumentos mais utilizados é a fotografia que está intimamente ligada à investigação qualitativa. Esta fornece dados que descrevem o objeto de estudo permitindo obter detalhes que eventualmente possam ter passado despercebidos (Bogdan & Biklen, 1994). A fotografia foi utilizada para reforçar os momentos mais significativos e mais marcantes ao longo das atividades, ajudando a compreender o envolvimento dos alunos nas suas tarefas e demonstrando também as suas reações.

Documentos dos alunos

Os registos escritos pelos alunos foram especialmente tidos em conta nesta investigação. Pretendeu-se analisar aspetos referentes à inter/multiculturalidade, nomeadamente os registos no decorrer da realização das atividades. Estes mesmos registos foram analisados de uma forma mais profunda numa fase de pós recolha dos mesmos. Para Yin (2009) os documentos escritos são uma fonte de recolha de dados particularmente importantes pois permitem a confirmação de inferências sugeridas por outras fontes.

Questionários

O inquérito por questionário “consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas às suas opiniões (...) ou ainda sobre qualquer ponto que interesse os investigadores” (Quivy &

Campenhoudt, 1992, p. 190). Este instrumento permite, assim, a possibilidade de “quantificar uma multiplicidade de dados e de proceder, por conseguinte, a numerosas análises de correlação (Quivy & Campenhoudt, 1992, p. 191). Ainda assim, para que este instrumento seja fiável, é necessário que as questões sejam colocadas de uma forma clara, sendo possível a correspondência entre a interpretação das questões, os entrevistados e o ambiente de confiança no momento da implementação do mesmo (Quivy & Campenhoudt, 1992).

Os questionários foram administrados à turma antes do estudo para que fosse possível realizar-se a recolha de informações acerca das opiniões, curiosidades e conhecimento da turma acerca de outros países (Anexo 1).

Apresentação e Análise dos dados

Atividades realizadas no âmbito do meio social

De forma a dar início à implementação das atividades com o grupo de crianças, foi realizado um pedido de autorização a ser entregue aos encarregados de educação para que assim fosse possível a colaboração do aluno bem como a cedência da sua imagem em registo fotográfico.

Após a autorização de toda a turma a participar neste projeto, foi elaborado um simples e pequeno questionário (anexo 1) para a obtenção de dados a recolher como: quais os países que as crianças demonstram mais curiosidade, quais os países mais visitados pela turma e os que gostariam de um dia poder visitar.

Dado que levar a turma a visitar outros territórios seria uma tarefa impossível, foi então proposto à turma, tendo em conta as suas respostas ao questionário, explorar o Património Cultural e Social dos países selecionados por eles.

Assim sendo, as atividades que de seguida serão apresentadas estão de acordo com os princípios descritos anteriormente.

Portugal

Atividade 1 - Características geográficas do nosso país – O texto informativo

Área: Língua Portuguesa

Objetivos:

- Conhecer e analisar o território nacional.
- Contactar com um novo tipo de texto.



Figura 2 - Bandeira de Portugal

Descrição da atividade:

De forma a explorar o texto informativo, foi apresentado aos alunos um texto acerca das características geográficas do território continental e arquipélagos que ainda lhes eram desconhecidos (a título de exemplo foram feitas questões como: qual a sede de distrito, a capital de distrito, o tipo de clima, o oceano pelo qual é banhado, características do litoral, do interior, do norte e do sul, fronteiras...).

Posteriormente, os alunos leram para si o texto para uma melhor compreensão, realizando depois a leitura em voz alta.

Parágrafo a parágrafo o texto foi analisado, em grande grupo, de modo a que todas as dúvidas fossem esclarecidas.

A título de exemplo foi encetado o seguinte diálogo:

“No norte do país as temperaturas são mais baixas do que no sul. Se vos mostrar o mapa sabem dizer onde é o norte e onde é o sul? E se eu vos pedir uma cidade do norte e outra do sul? Sabem dizer alguma?”.

Depois de todo o texto ter sido analisado os alunos responderam no caderno diário a algumas questões de interpretação acerca do que fora explorado para que numa fase posterior se procedesse à sua correção. Para terminar, a turma assinalou, oralmente, quais eram as características de um texto informativo e qual a sua utilidade.

Os alunos mostraram-se perfeitamente capazes de assimilar o novo conteúdo referindo até as principais diferenças entre o texto informativo e o narrativo com que estão mais familiarizados. Por este mesmo motivo, a investigadora achou pertinente a construção de uma composição, em grande grupo, com vista a recolher ideias acerca de Ponte de Lima. Em modo de chuva de ideias, os alunos foram lançando as informações e características da vila, bem conhecida por eles, que eram assinaladas no quadro. Depois de a informação estar presente no quadro, esta foi enumerada para que a construção do texto pudesse ser facilitada. Assim, os alunos teriam que seguir a ordem das características e informações enumeradas e construir um texto, tendo em conta as características de um texto informativo previamente mencionadas.

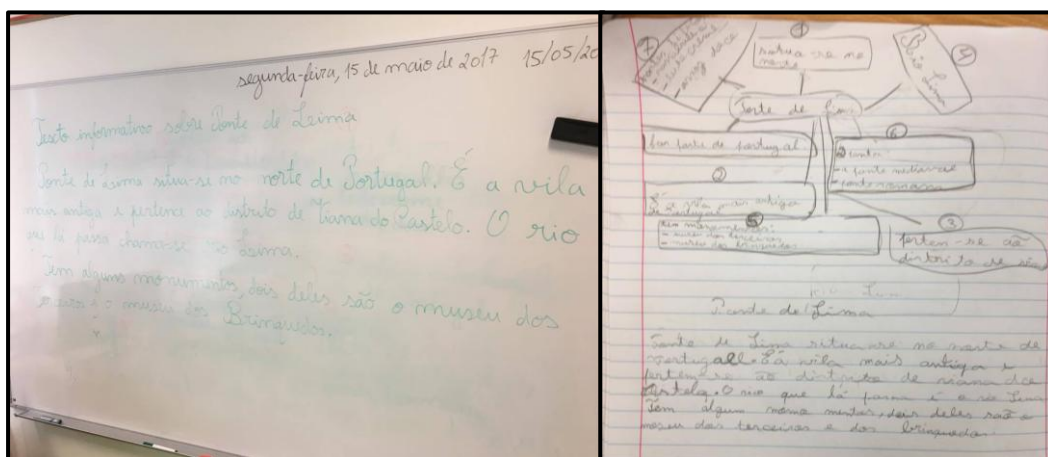


Figura 3 - Texto construído pela turma

Análise: Fazendo uma retrospectiva da atividade implementada, o facto de ter sido utilizada informação acerca da localidade, foi uma mais-valia no desenvolvimento da motivação. Durante o ano letivo, o grupo de alunos, dirigiu-se, uma vez por mês, ao Museu dos Terceiros, pelo que já detinham alguns conhecimentos acerca da localidade em questão, desde lendas, tradições, costumes, monumentos, especificidades geográficas, entre outras. Por este mesmo motivo, a construção do texto informativo sobre a localidade próxima decorreu de forma bastante positiva onde todos participaram acrescentando informações úteis ao esquema descritivo. Posto isto, partiu-se para a construção do texto onde realmente se sentiu algumas dificuldades por parte da turma, mais propriamente na construção frásica, e, de forma a colmatar esta mesma dificuldade, a construção do texto foi realizada em grande grupo onde, previamente, o esquema descritivo fora enumerado para já facilitar esta construção.

Finalizado o texto, a professora estagiária começou por comparar as características principais que diferenciavam o texto a que os alunos já se sentem mais familiarizados – o texto narrativo, com o tipo de texto que tinham acabado de contactar – o texto informativo. Analisando o próprio nome deste tipo de texto, a turma conseguiu caracterizá-lo rapidamente chegando às características principais que a professora investigadora esperava.

Atividade 2 – Estimar o número de pessoas que vivem em Portugal –

A estimativa

Área: Matemática e Estudo do Meio

Objetivos:

- Estimar mentalmente o número de pessoas, homens e mulheres, que vivem em Portugal.

Descrição da atividade:

No decorrer do dia, já na área de Matemática, de modo a introduzir o conteúdo estimativa e de forma a não quebrar o fio condutor da aula anterior, a turma foi desafiada a estimar quantas pessoas vivem em Portugal. Quantos homens e quantas mulheres, mais concretamente. Para surpresa da investigadora, alguns dos alunos foram lançando números bem perto dos reais.

Afonso – “ Eu acho que é para aí...quatro milhões!”

Duarte – “ Eu acho que é seis milhões!”

Matilde – “ Eu acho que deve ser dois mil milhões!”

Depois de todos os alunos lançarem a sua estimativa, a investigadora projetou no quadro interativo um pequeno PowerPoint com os números reais. Tendo como referência os censos 2011, o número de pessoas em Portugal é de 10562178, dos quais 5515578 são mulheres e 5046600 são homens.



Figura 4 - Slide utilizado na apresentação do número total de pessoas a viver em Portugal

Análise: Como era de esperar, os alunos não tinham noção do número de pessoas a viver em Portugal. Assim sendo, foi interessante ver a “disputa” entre a turma para ver qual deles, por mera questão de sorte, conseguiria acertar, ou pelo menos se aproximar do número real de pessoas a viver em Portugal segundo os censos 2011, INE.

Para finalizar a atividade, a professora estagiária projetou no quadro interativo os números reais para confrontar a turma e, com os dados obtidos entre mulheres e homens, verificou-se uma certa rivalidade de modo saudável e até divertido entre raparigas e rapazes da turma, pois o número de mulheres em Portugal é superior ao número de homens.

Uma atividade simples, onde a previsão não era a mais positiva pois já era de se esperar que a turma não tivesse grande noção dos resultados reais e por ainda não contactarem com números desta dimensão. Ainda assim, por mera questão de coincidência ou sorte, a turma conseguiu chegar ao pretendido de modo a interiorizar o conceito de estimativa.

Atividade 3 – Exploração da bandeira de Portugal

Área: Expressão Plástica e Estudo do Meio

Objetivo:

- Identificar e reconhecer a bandeira de Portugal explorando e analisando as suas características.

Descrição da atividade:

Relativamente à área de Estudo do Meio e Expressão Plástica, foi realizada uma atividade exploratória da bandeira de Portugal. A professora estagiária começou por perguntar aos alunos para que servirá a bandeira de um país e como seria a de Portugal, país a que todos pertencem. Depois da turma ter expressado as suas ideias, distribuiu-se por todos uma folha com um grande retângulo em branco onde teriam que desenhar a bandeira de Portugal com as características que conheciam, bem como com as suas cores respetivas.

Posteriormente, foi então projetada a bandeira no quadro interativo onde os alunos puderam constatar as falhas no seu desenho (se tinham todos os elementos presentes no seu desenho, se as cores estavam corretas...).

Depois de terem comparando o seu desenho com a imagem, as características da bandeira foram exploradas em grande grupo. O que representa a cor verde, a cor vermelha, a esfera armilar, os castelos, tudo foi objeto de cuidada exploração.

De seguida, a professora estagiária perguntou se a bandeira de Portugal foi sempre a mesma ao longo da sua História e se só existiu a atual. Foi então que outras bandeiras foram projetadas no quadro para que a turma as conhecesse, identificasse os elementos que se mantiveram e os que ao longo da evolução foram excluídos gradualmente.

“Será que alguns elementos se mantiveram? O que é que a bandeira atual tem em comum com as anteriores?”

A turma teria que reparar que alguns elementos da bandeira se mantiveram e identificá-los.



Figura 5 - Alunos ilustrando a bandeira de Portugal



Figura 6 - Imagem utilizada para a exploração da bandeira de Portugal

Análise: Fazendo uma análise da atividade em questão, sentiram-se dificuldades por parte da turma na construção da bandeira de Portugal. Esta atividade tornou-se um desafio pois, até para grande parte das pessoas, desenhar todos os elementos da bandeira de Portugal no sítio correto e com as cores próprias é, de certa forma, complexo. Assim sendo, cada aluno desenhou a bandeira de acordo com o conhecimento que possuía. Verificou-se que alguns dos elementos constituintes foram representados, como por exemplo a esfera armilar, o escudo e as cores. Elementos como os castelos presentes no escudo, as cinco chagas em cruz incorporadas neste elemento entre outras especificidades, tornaram-se mais complexas para os alunos. Embora não conseguissem representar tal e qual este elemento, a turma sabia que realmente estariam alguns símbolos dentro do escudo, então em vez de castelos desenharam círculos como forma de os representar não os deixando passar em branco. Para concluir a atividade, foram confrontados com a bandeira de Portugal projetada no quadro interativo onde puderam observar os elementos constituintes que faltavam nos seus desenhos. De facto, tal como referido anteriormente, esta foi uma atividade planificada onde já se previa algumas dificuldades perfeitamente normais para a idade em questão. Mas, ainda assim, deve sublinhar-se o empenho e dedicação com que o grupo se entregou à tarefa.

Já na exploração da evolução da bandeira de Portugal até à atual, foi evidente o desconhecimento da turma perante tais factos. Foi então necessário que a professora estagiária explicasse o porquê da mudança constante de bandeira, o porquê da introdução de novos elementos e até da exclusão de outros. Em grande grupo, todos os alunos manifestaram entusiasmo e vontade de participar na identificação e enumeração dos elementos das bandeiras.

Atividade 4 – Jogos tradicionais

Área: Educação Físico-Motora

Objetivos:

- Contactar com alguns dos jogos tradicionais do nosso país.

Descrição da atividade:

A aula de Educação Físico - Motora foi também ela dedicada aos costumes do nosso país. Foram apresentados aos alunos alguns jogos tradicionais os quais já eram conhecidos por eles. Os jogos realizados foram a corrida de sacos, o salto à corda e a corrida de colheres com ovos. Embora houvesse mais jogos planificados, parte deles ficaram por realizar pois o tempo assim não o permitiu.



Figura 7 - jogo tradicional do salto à corda e corrida de sacos

Análise: As atividades propostas em Educação Física não foram implementadas na totalidade pois o tempo assim não o permitiu. Ainda assim, foram implementados dois jogos tradicionais aos quais os alunos reagiram da melhor forma. Como esta é uma área apreciada por todos, a euforia e motivação leva por vezes a alguma agitação e instabilidade no controlo e comportamento da turma. É uma área na qual ainda não se dá o devido valor e importância pelo que, o tempo dispensado não é o suficiente para que os alunos possam libertar as suas energias, adquiram novas competências e desfrutem de uma hora inteiramente dedicada à Educação Física. Ainda assim, é de salientar que o trabalho em grupo e colaboração que os jogos proporcionam é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e intelectual.

Egito

Atividade 5 – Onde surgiu a área?

Área: Matemática e Estudo do Meio Social

Objetivos:

- Identificar o país pretendido.
- Perceber que o cálculo da área já era utilizado pelos mais antigos.



Figura 8 - Bandeira do Egito

Descrição da atividade:

Para introduzir o conteúdo matemático “a área”, a professora estagiária começou por perguntar se os alunos tinham conhecimento deste cálculo e onde terá surgido.

Com a imagem de um quadrado de jardim, a professora estagiária explicou em que consiste e para que serve o cálculo da área.

Posteriormente, foi projetada uma imagem das pirâmides para que a turma identificasse o país. A partir deste momento, foi explicado aos alunos que o conceito de área surgiu no Egito com a construção das pirâmides. Para consolidar esta nova aprendizagem foram realizados alguns exercícios no quadro em grande grupo e posteriormente no manual.



Figura 9 - Turma a visualizar imagens e vídeos do país explorado

Análise: A atividade proposta enquadra-se na área da Matemática e que serviria como motivação para a introdução de um novo conteúdo na área. O país retratado foi o Egito, pelo qual os alunos mostraram um grande interesse e curiosidade pelos seus monumentos mundialmente conhecidos. Foi este o país escolhido para retratar o conteúdo da área, pois foi no Egito e Mesopotâmia que se iniciou a utilização do corpo humano como unidade. Assim sendo, pés, palmos e passos foram utilizados como primeiras unidades de medida. Para a construção dos templos os antigos sentiram então a necessidade de utilizar unidades de medida mais exatas e para isso a unidade escolhida foi de apenas um homem, o rei.

Enquanto a turma visualizava as imagens dos templos e da sua construção, o ambiente da sala era bastante participativo. Todos manifestavam vontade de partilhar curiosidades acerca do país bem como algumas dúvidas.

Relativamente ao conceito de área, foram evidentes as dificuldades da interiorização deste conceito, pois a turma havia terminado de explorar o conceito de perímetro e como são dois conceitos matemáticos idênticos, por ser necessário cálculos com comprimentos e lados de uma determinada figura ou objeto, os alunos acabaram por não entender claramente as diferenças entre os dois conceitos. Estas mesmas dificuldades fizeram-se sentir na consolidação dos exercícios onde nas duas semanas seguintes foi realizado trabalho específico neste mesmo conteúdo. Tal como a professora cooperante já havia alertado, os alunos começaram a confundir o cálculo do perímetro com a área.

Atividade 6 – Alfabeto hieroglífico

Área: Português e Estudo do Meio Social

Objetivos:

- Contactar com o alfabeto hieroglífico;
- Associar as letras do seu nome à imagem respetiva do alfabeto hieroglífico;

Descrição da atividade:

Para dar continuidade ao país introduzido, O Egito, na área de Português e Estudo do Meio Social foi abordado o alfabeto hieroglífico. A professora estagiária começou por perguntar se há muitos anos atrás se escrevia como hoje em dia, remetendo para a forma das letras, aos utensílios com que dispomos para a escrita e se estes mesmos materiais sempre foram da mesma forma. Gerou-se assim uma pequena conversa em grande grupo onde se diferenciou as diferentes épocas tendo em conta a escrita e as suas características.

Posto isto, a professora estagiária projetou no quadro interativo uma tabela com o alfabeto hieroglífico para que as letras pudessem ser analisadas por todos. De seguida, foi constatado que, de facto, os egípcios tinham uma forma muito particular de escrever.

De forma a praticar, experimentar e até consolidar, os alunos foram desafiados a escrever os seus nomes utilizando o alfabeto aprendido. Foi distribuído por todos um bocado de cartolina para que iniciassem a atividade.



Figura 10 - Alunos a utilizar o alfabeto hieroglífico descodificando uma mensagem

Análise: A atividade proposta consistiu num desafio inserido na escrita criativa. Já era esperado que os alunos manifestassem entusiasmo pois seria uma aula de Português

diferente do que estariam acostumados diariamente. Por norma a turma trabalha sistematicamente o texto narrativo com as perguntas de interpretação referentes a ele.

Assim, a turma compreendeu que a escrita não surgiu com letras do alfabeto como eles hoje em dia conhecem, mas sim através de desenhos ou imagens codificadas que transmitem uma mensagem sendo consideradas como o mais antigo sistema de escrita organizado no mundo, utilizado principalmente em paredes, templos e túmulos pelos sacerdotes e membros da realeza, dado que era considerada uma escrita sagrada.

Todos escreveram algo no seu pedacinho de cartolina, alguns com mais dificuldades que outros, pois alguns desenhos necessitavam de mais pormenor e detalhes. Ainda assim, cada um à sua maneira, conseguiram desenhar a mensagem que pretendia.

Uma hora dedicada ao Português bastante produtiva, criativa e sobretudo diferente.

Atividade 7 – Construção de antigos adereços egípcios

Área: Expressão Plástica e Estudo do Meio Social

Objetivos:

- Construir adereços;
- Explorar as possibilidades de diferentes materiais;
- Ilustrar ao seu gosto pessoal.

Descrição da atividade:

A hora de Expressão Plástica também foi dedicada ao país explorado. Assim sendo, a professora estagiária começou por projetar algumas imagens do vestuário e jóias que os antigos egípcios utilizavam para se embelezar. De seguida, foram sugeridos alguns tipos de colares e cada aluno escolheu o colar que pretendia construir. Foram disponibilizado vários tipos de materiais, pratos de cartão que serviriam como base de bolos, tintas, massas e brilhantes. Cada aluno desenhou, pintou e colou os materiais que escolheu e

construiu o seu próprio colar egípcio. No final, recorrendo a pequenos fios de lã, cada aluno prendeu o seu colar para o poder experimentar.



Figura 11 - Alunos a construírem o colar egípcio a seu gosto



Figura 12 - Trabalhos realizados pelos alunos

Análise: Mais uma vez, a Expressão Plástica tornou-se na hora mais desejada por todos. É uma área onde todos colaboram, entreadjudam e onde dão asas à sua imaginação e criatividade. Nesta atividade, a turma teve a possibilidade de utilizar materiais diferentes do habitual para proceder à construção do colar egípcio.

Todos os alunos se envolveram e terminaram o seu trabalho a tempo de o colocar ao pescoço e fazer um pequeno registo fotográfico.

China

Atividade 8 – A Grande Muralha da China com desafios matemáticos

Área: Matemática e Estudo do Meio Social

Objetivos:

- Identificar, reconhecer e explorar o país China;
- Medir distâncias e comprimentos;
- Resolver problemas e consolidar o que já fora aprendido.



Figura 13 - Bandeira da China

Descrição da atividade:

A aula de Matemática e Estudo do Meio Social teve como pano de fundo mais um país. Desta vez foi um país asiático, a China, ao qual os alunos haviam escolhido no questionário inicial. A professora estagiária iniciou a aula com a projeção de algumas imagens do país para que os alunos descobrissem de que país se tratava. A imagem final foi a muralha da China onde, em grande grupo, foram exploradas as suas características (ex.: é visível a partir do espaço).

De modo a exercitar o novo conteúdo da área e perímetro, a professora estagiária distribuiu pelos alunos uma ficha com o desenho de uma parte da muralha da China com

medidas. A partir daqui, surgiram problemas em que os alunos precisaram das medidas e de outras informações contidas na muralha. Desta forma, a grande muralha foi o ponto de partida para a exploração de alguns conteúdos matemáticos a exercitar.

No final da realização da ficha procedeu-se à sua correção.

A Muralha da China com Matemática

6 cm

21 cm

Tem em atenção as partes da muralha e responde às seguintes questões:

1. Que fração representa a parte roxa?
2. E a parte laranja?
3. E a parte azul?
4. Determina o perímetro da muralha.
5. Tendo em conta que \square é a unidade de medida, determina a área da muralha.

Figura 14 - Resolução da ficha de trabalho de consolidação

Análise: Como forma de motivação, a Grande Muralha da China de 8.850 km de extensão foi um alvo bastante prático para a elaboração de uma pequena ficha de exercícios de consolidação. Com tão pouco espaço numa folha de papel para um monumento destas dimensões, apenas uma ínfima parte dela foi representada. Assim, foram abordados apenas três conteúdos matemáticos: as frações, o perímetro e a área. Foram selecionadas apenas estes três conteúdos por serem aqueles onde a turma mais sentia dificuldades.

Esta atividade acabou por se tornar um desafio, pois o conteúdo da área abordado anteriormente já teria sido esquecido, pelo que foi necessário um relembrar para toda a turma através do quadro.

Foi uma hora de matemática onde os alunos não conseguiram demonstrar autonomia pelas dificuldades encontradas e onde a ajuda da professora estagiária e da professora cooperante foram extremamente importantes na consolidação e esclarecimento de dúvidas.

Assim sendo, ficou evidente a necessidade constante de consolidar o aprendido de forma a não cair no esquecimento.

Atividade 9 – Jogo do STOP

Área: Língua Portuguesa

Objetivos:

- Assinalar palavras com a letra selecionada;
- Identificar um país com a letra selecionada.

Descrição da atividade:

Foi proposto à turma o “Jogo do STOP” numa das aulas de Português, alterando as suas categorias (nomes, animais, frutos, países). Inicialmente, foi explicado aos alunos que neste jogo as categorias seriam: quem, quando, onde, o quê e como. Alternadamente, um aluno dizia em voz baixa o abecedário e outro “stop”. A letra selecionada determinava o início das palavras referentes às categorias. Tal como no jogo original, não é possível, com algumas letras, responder a todas as questões. Foram acrescentadas as regras que na categoria “Onde” só poderiam colocar países, uma vez que se trata da temática da semana.

Numa fase inicial, a professora dá um exemplo.

Letra	Quem?	Quando?	Onde?	O quê?	Como?
A	Ana	Abril	Alentej o	Andou	Avião

Figura 15 - Representação da aplicação do jogo do "STOP"

Um aluno de cada vez soletrava o abecedário em voz baixa, enquanto o parceiro do lado dizia o “stop” para a letra ser seleccionada. Numa fase seguinte, o aluno teria que completar a tabelas com as palavras iniciadas com a dita letra.

Depois de explorado o jogo, cada aluno tendo por base as palavras da sua tabela, construía a sua pequena história recorrendo essencialmente à imaginação.

Análise: O jogo do STOP foi uma atividade onde se previa um grande entusiasmo por parte dos alunos, mas chegando o momento de explicar minimamente o jogo foi nítido o desconhecimento dos alunos perante este jogo tradicional.

Um jogo de há muitas gerações, onde era utilizado em intervalos entre amigos e família começara então a cair em desuso.

Por estas mesmas razões, foi necessário uma explicação mais prolongada e detalhada sobre como funcionaria este jogo. Depois de ter sido dado um pequeno exemplo com uma letra aleatória, era então a vez da turma.

Sentiram-se bastantes dificuldades por parte dos alunos, pois por norma, todos tinham dificuldades na escrita, assim como na criatividade. Foi necessário a professora estagiária, a sua colega e a professora cooperante ajudarem cada aluno, individualmente, com o seu jogo do STOP para que posteriormente procedessem à construção do texto.

Sempre que a construção de um texto era proposto, os alunos desmotivavam, não só pelas suas dificuldades como também pelo tempo que demoravam na sua concretização.

Esta atividade não foi possível terminar a tempo pelo que foi necessário a sua continuação numa hora mais tarde e mais uma vez com a ajuda das professoras.

Atividade 10 – Degustação de comida típica

Área: Expressão Dramática e Estudo do Meio Social

Objetivos:

- Contactar com comida típica de outros países/culturas;

- Utilizar o instrumento típico para pegar na comida;
- Conhecer algumas palavras chinesas e utilizá-las.

Descrição:

Para iniciar a hora de Expressão Dramática e Estudo do Meio Social, a professora estagiária começou por perguntar que país tinha sido explorado em Matemática, como se comia nesse país, se comiam como nós e o que costumavam comer. Neste momento, foram projetadas algumas imagens de comidas mais típicas da China e vídeos de pessoas chinesas a comerem com os pauzinhos. De seguida, a turma é desafiada a experimentar um pouco de massa típica da China mas com os tradicionais pauzinhos. Com água quente e massas instantâneas, distribuiu-se por pequenas taças para que todos experimentassem a refeição tendo como talheres os tradicionais pauzinhos.

No final, foram aprendidas algumas palavras chinesas para a construção de frases. Como a escrita chinesa é bastante complicada para alguém que não a conhece, a frase foi escrita em português e apenas a palavra previamente selecionada foi escrita em chinês. Para tal, foram projetadas algumas palavras para que os alunos pudessem registar no caderno.



Figura 16 - Momento de degustação da massa típica chinesa

Análise: Esta atividade foi naturalmente bem recebida por todos. Embora a primeira parte da atividade onde imagens e vídeos acerca da China fossem visualizados, foi necessário fazer uma pausa para os alunos se dirigirem para o ginásio pois, se assim não fosse, não lhes era possível ter um momento de Educação Física.

Depois do pequeno momento de Motricidade, os alunos aguardaram um pouco no espaço da cantina enquanto a professora estagiária servia a cada um dos alunos uma pequena taça com massa chinesa para assim a poderem degustar. Previamente a professora estagiária preparou os pauzinhos para cada aluno, com um fio de novelo de lã os dois pauzinhos foram atados para facilitar a sua utilização. Assim, os alunos teriam apenas que pressionar como se de uma pinça se tratasse.

Foi bastante interessante e até engraçado poder constatar que de facto é normal estranhar ao se introduzir algo na alimentação que não seja habitual no nosso dia-a-dia. Alguns alunos começaram por explorar visualmente e olfativamente a massa, outros diziam que já tinham experimentado e de que gostavam muito, dois dos alunos apenas experimentaram um pouco e recusaram comer mais por não apreciarem a massa em questão.

No final, foi feito o registo fotográfico, todos ajudaram a arrumar e a organizar as mesas para se dirigirem até à sala de aula.

Atividade 11 – Simetria de reflexão recorrendo às bandeiras dos países explorados

Área: Matemática e Estudo do Meio

Objetivos:

- Reconhecer e representar formas geométricas.

Descrição da atividade:

De forma a abordar a Simetria de Reflexão na aula de Matemática, a professora estagiária recorreu às bandeiras já conhecidas dos países explorados e de outros. Cada bandeira foi analisada para os alunos perceberem se é possível dividir a imagem em duas partes exatamente iguais ou não. Caso tenha sido possível, é porque a bandeira é simétrica, se não for a bandeira então não é simétrica.

Foram então exploradas algumas imagens e objetos com um grau de facilidade menor e só depois foram introduzidas as bandeiras. As imagens foram exploradas em grande grupo pois o conceito de simetria estava a ser explorado pela primeira vez.

Para consolidar as aprendizagens, a turma realizou alguns exercícios no manual, desta vez de forma autónoma para assim se conseguir detetar de forma mais eficaz as dúvidas existentes.

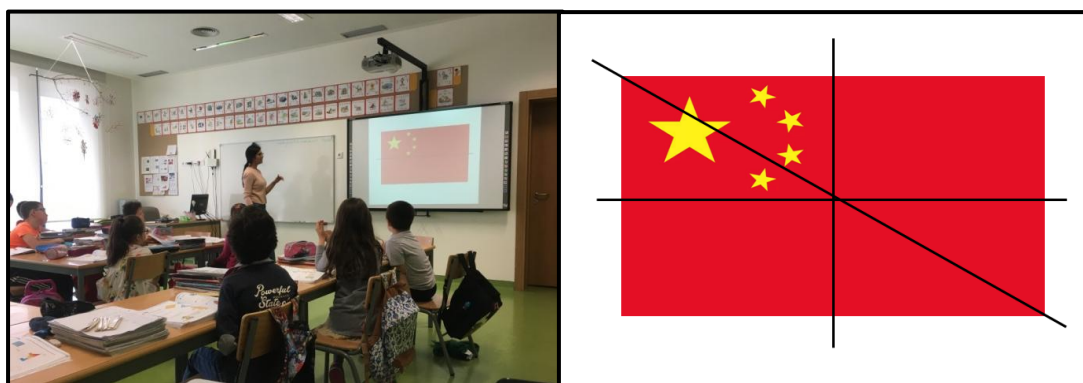


Figura 17 - Turma explorando a simetria da bandeira da China

Análise: Esta atividade decorreu de forma bastante positiva pois os alunos já tinham minimamente uma noção do que seria simetria, o que se consideravam simétrico ou não. Por isso, embora a análise das bandeiras tivesse um grau de dificuldade elevado, pois certas bandeiras têm mais detalhes do que outras, a turma conseguiu na perfeição detetar quais as bandeiras que realmente eram simétricas e as que não eram. Para

facilitar a atividade foram utilizados alguns objetos para delimitar o eixo de simetria da imagem em questão, como por exemplo uma fita e até uma régua. Por vezes, a turma não se lembrava que o eixo de simetria não necessitava de ser obrigatoriamente na vertical, mas poderia ser também na horizontal e até na diagonal.

Foi assim uma maneira de contextualizar o conceito de simetria, de modo a seguir uma linha condutora referente ao dia em questão.

Claro que para consolidar foi necessário batalhar mais uma vez com exercícios do manual para que depois, em casa, pudessem realizar os exercícios propostos autonomamente.

Atividade 12 – Envelope dos países

Área: Língua Portuguesa e Estudo do Meio

Objetivos:

- Reconhecer o país de que se trata, bem como os seus objetos representativos;
- Construir uma pequena apresentação do país.

Descrição da atividade:

Para terminar a semana dedicada a diferentes países, a turma foi dividida em pequenos grupos. A cada grupo distribuiu-se um envelope – Um envelope com história- elemento que traria mistério a esta última atividade. Esta, acabaria por se tornar no concluir das aprendizagens ligadas à Área do Meio Social interligada com as diversas áreas curriculares a serem trabalhadas.

Cada envelope continha imagens com diferentes objetos representativos das diferentes culturas. Deste modo, os alunos tiveram que construir uma pequena apresentação sobre a caixa, onde tiveram de utilizar/mencionar os objetos presentes, podendo caracterizar-se e, ainda, fornecer informações adicionais aos colegas, como costumes, gastronomia, artesanato, etc. Depois de todos os grupos construírem a sua

apresentação, um grupo de cada vez deslocou-se à frente da sala e partilhou-a com os colegas.



Figura 18 - Alunos organizando e construindo o trabalho proposto



Figura 19 - Alunos apresentando o trabalho proposto

Análise: Esta foi a atividade final e foi uma atividade em que se sentiu algum receio por parte da professora estagiária, pois a dificuldade na escrita e criatividade eram evidentes e os alunos iam precisar destas duas ferramentas para a realização desta tarefa. Para surpresa da professora estagiária, cada grupo elegeu um chefe e um porta-voz de modo a organizarem as informações que continha cada envelope. Construíram então a

sua composição sobre o país que lhes acabara de calhar e dirigiram-se à frente do quadro para o apresentar.

Foi notória a pouca confiança que demonstraram. A isso ficou a dever-se a raridade de momentos que a turma realiza pequenos trabalhos de grupo e os apresenta em frente aos colegas. Ainda assim, cada grupo apresentou o seu país de forma clara e simples.

Quanto ao comportamento, é perfeitamente normal que em momentos de partilha, haja um pouco mais de ruído e agitação pelo que não foi necessário chamar qualquer aluno à atenção, nem mesmo os mais regulas.

Conclusões do Estudo

Nesta secção apresentam-se as conclusões do estudo e as respostas às questões de investigação que inicialmente foram definidas. São também referidas algumas limitações deste trabalho que foram surgindo ao longo das reflexões sobre a prática como professora/investigadora e num balanço global de todo o trabalho realizado neste momento de análise do nosso percurso. Assim sendo, é também proposta uma possível continuação deste estudo. Por fim, são lançadas as considerações finais.

O objetivo principal deste estudo foi perceber de que forma este grupo de crianças do 1ºCEB encara as questões socioculturais relacionadas com outros povos e culturas.

As conclusões são, por isso, elaboradas com base na reflexão sobre as questões de investigação formuladas inicialmente:

1 - Que perceções apresentam os alunos sobre outras culturas?

Efetivamente, os alunos que integram este estudo encontram-se ainda numa fase de construção da sua personalidade e de abertura quanto às suas opiniões e perceções. O que veem na televisão, o que ouvem em conversas entre adultos e o que leem são influências impactantes para estas crianças, próprias da sua natural bondade.

Neste estudo denota-se de certa forma as influências sentidas em comentários durante as atividades desenvolvidas acerca dos países trabalhados, ou seja, ideias pré-concebidas.

Numa primeira fase em que os questionários foram implementados, às perguntas sobre quais os países que mais gostavam de visitar e quais já visitaram, a resposta mais frequente foi França e Espanha. Ainda no questionário e também ao longo das atividades foi possível perceber que estes foram os países mais escolhidos não só pela sua proximidade geográfica mas também por grande parte dos alunos ter familiares emigrados neles.

Durante a implementação das atividades, os alunos exprimiram as ideias que já tinham formado acerca dos países em questão. Países mais próximos geograficamente de Portugal, os alunos demonstraram já ter algum conhecimento acerca da cultura e tradições, até mesmo certos pormenores não tão públicos. Histórias de pessoas que lhes eram próximas que imigraram para o país explorado e as suas causas também foram evidenciadas pela turma.

Verificou-se, deste modo, que os alunos sentem uma certa proximidade emocional com um país que lhe é próximo e o qual recebe os seus familiares.

Já com países mais distantes, como a China, Japão, Austrália, Brasil e Caraíbas os alunos apenas associavam o que lhes era demonstrado através dos meios de comunicação, como monumentos mais conhecidos, tradições, costumes e até certas palavras. Encararam estes países com uma certa estranheza, o que se torna perfeitamente normal perante a disparidade de culturas e diferenças com o seu país. Comentários como: “Comem coisas esquisitas” ou “São estranhos”, foram várias vezes proferidos e é nestes momentos em que nos deparamos com as dificuldades das crianças em entender que é tão estranho para nós de Portugal a cultura e tradições dos “Outros”, como também para os “Outros” há esta estranheza perante os nossos costumes.

No final deste percurso deparamo-nos então com um “antes” do que os alunos pensavam, remetendo-nos para as suas conceções e um “depois” demonstrando novas atitudes face ao dito “estranho”. O “antes” onde a turma evidenciava um distanciamento e desapego emocional e social perante outra cultura, e o “depois” evidenciando um amadurecimento na linha de pensamento face à interculturalidade, refletindo sobre a inclusão social e a humanização do contacto com o sistema de valores de outras culturas.

2 – De que modo as atividades desenvolvidas envolvendo outras culturas influenciam as aprendizagens dos alunos?

Perante os resultados obtidos ao longo das implementações de atividades envolvendo novos conteúdos programáticos e outras culturas, pode-se afirmar que as influências sentidas nas aprendizagens da turma foram bastante positivas.

A turma, de duas em duas semanas era presenteada com uma visita ao centro da localidade. Iniciativa esta, tomada pela Câmara Municipal onde tinha como objetivo dar a conhecer melhor o seu património local bem como a sua história passada, tradições e costumes. O entusiasmo dos alunos era de tal forma que distrações ou certas dificuldades eram ultrapassadas naqueles momentos de retenção de informação e de atenção. Ao vivenciar estes resultados a intenção de os levar para dentro da sala de aula foi mais forte. Os conteúdos a lecionar do programa eram significativos para tão pouco tempo e as dificuldades dos alunos em reter as aprendizagens também. Deste modo as atividades criadas surgiram como um meio de motivação para que as aulas não fossem tão monótonas e também tão próximas daquilo a que estavam habituados estimulando, por isso, a inovação pedagógica.

O facto de as atividades incidirem sobre outras culturas, foi sem dúvida uma mais-valia pois a turma mostrava sempre curiosidade e vontade de aprender sem darem conta por vezes dos conteúdos a lecionar que se encontravam como que “disfarçados” com curiosidades acerca do país explorado. Uma destas atividades foi a exploração das bandeiras dos países a trabalhar onde o conteúdo programático a lecionar seria na área da Matemática, mais propriamente a simetria. Ao longo desta atividade cada bandeira foi dividida em partes e em grande grupo discutia-se se as partes eram exatamente iguais ou se uma das partes apresentava alguma diferença. No final desta exploração foi explicado à turma que as bandeiras que apresentam as partes divididas exatamente iguais, como por exemplo a bandeira da França, dizem-se “simétricas”, ou seja, apresentam a mesma simetria, já as que apresentam diferenças, quando as partes são desproporcionais, dizem-se “assimétricas”.

Desta forma, a turma não imaginava que estaria a aprender um novo conceito matemático, quando primeiramente estariam apenas a explorar os símbolos das bandeiras nacionais.

Deparamo-nos com um “antes” onde a turma estaria acostumada com uma determinada forma de lecionar, com um “depois” onde os gostos de cada aluno são tidos em conta como forma de motivação, criando novas formas de expor os conteúdos.

3 – Que balanço se pode fazer do projeto desenvolvido tendo em conta aspetos como a empatia e o respeito pela diversidade cultural?

O balanço deste projeto tendo em conta os aspetos mencionados foi, de uma forma geral, positivo. É uma turma bastante informada e consciente acerca da negatividade da discriminação e bullying, e isto deve-se muito à grande sensibilização de hoje em campanhas de comunicação e até da própria escola que nos últimos tempos também tem vindo a batalhar neste processo contra a discriminação entre diferenças.

Ainda que os alunos da turma se mostrassem sensibilizados quanto a estas questões, por vezes, demonstravam certos comportamentos menos corretos mesmo para com os seus colegas. Colegas esses, com dificuldades de aprendizagem, que só por este motivo já demonstram insegurança durante o tempo escolar e muito provavelmente fora dele, sentiam-se ainda de certa forma rebaixados pela restante turma, dentro e fora da sala de aula. Comentários como: “Só podia ser a Carolina a dar este erro!”, “Como é que não sabes resolver exercício, Carolina?! É mesmo fácil!”, eram por vezes referidos pela turma ao que a professora teria que intervir no momento. De facto, estes são comportamentos recorrentes numa sala de aula e que se compreende que não sejam tidos como por maldade.

O mesmo se fez sentir no projeto implementado, principalmente nos países com culturas mais diferentes da nossa onde os próprios traços das feições se diferenciam mais dos nossos caracterizando especialmente a cultura em questão.

De facto, a turma tem perfeita noção de que todos temos os mesmos direitos e deveres e que a discriminação nos dias de hoje é punida, mas certos comentários que se ouviam aquando das implementações eram inconscientemente discriminatórios. Estes comentários fizeram-se sentir maioritariamente na exploração do país China, onde

realmente as diferenças sobretudo físicas se evidenciam. Os alunos demonstraram mais uma vez estranheza perante esta cultura, demonstrando que o nosso tipo de feições é que será o ideal de beleza. Quando o ideal de beleza está verdadeiramente nas diferenças de cada um.

Ainda assim, estes são comportamentos normais para a idade em questão onde a reflexão do que dizem e pensam ainda não é de todo uma reflexão madura. Contudo, o respeito e empatia por diferentes culturas eram já praticados pelo grupo de alunos, com a implementação das atividades e exploração do tema apenas se fez sentir uma maior sensibilização deste respeito para com as diferentes culturas.

Limitações do estudo e recomendações para futuras investigações

No decorrer das implementações foram detetadas algumas limitações quanto à própria organização da Prática Profissional. As semanas eram organizadas em alternância com o par de estágio pelo que se sentia uma quebra no fio condutor do nosso trabalho. Esta repartição semanal persistiu durante a prática pedagógica no 1º CEB embora não se fizesse sentir tanto como no Pré-escolar.

Como em tudo na vida, tudo que tem um lado negativo também nos traz um lado positivo. Esta alternância semanal trouxe por outro lado um maior intervalo de tempo para refletir acerca das implementações, em que é que alcançamos o objetivo e onde deveríamos melhorar. Para além disso, este intervalo de tempo era precioso quanto à planificação da semana seguinte a implementar e quanto aos materiais que teriam de ser construídos. Ainda neste intervalo de tempo, tínhamos a possibilidade de corrigir aquilo que a Professora cooperante achasse que não teria o resultado desejado ou que não correria tão bem.

O prazo de duração para as implementações pedagógicas destinadas a este projeto tornou-se também bastante limitado. Por vezes teria que ser feita a escolha entre as atividades a serem finalizadas com uma certa pressão de tempo sobre os alunos, onde os resultados finais não eram tão significativos, ou deixar a atividade por concluir. Para além desta natural falta de tempo, o facto de a turma ter as Provas de Aferição por realizar também ajudou a que houvesse uma maior pressão sobre o tempo dedicado às implementações.

Esta insistência na falta de tempo fez também com que a falta de apoio a alunos com necessidades educativas especiais também se fizesse sentir. Por mais que a vontade de os ajudar fosse maior não havia possibilidade de apostar mais tempo nestes alunos. Desta forma, foi também bastante importante a cooperação de professores que dedicavam um tempo específico ao apoio destes alunos para que não deixassem de ficar com os conteúdos lecionados aprofundados.

Ainda assim, a falta de tempo não deixou que a motivação falhasse fazendo com que os alunos encarassem cada dia como uma nova aprendizagem não só do programa a

leccionar mas também novas aprendizagens sobre novas culturas pertencentes a este estudo.

Seria, de facto, interessante dar continuidade a este tema não só pela exploração de culturas de outros países mas também de diferentes etnias no nosso país com que temos um contacto tão próximo e lidamos diariamente em escolas do nosso país.

Capítulo III – Reflexão Final

Deparo-me com as últimas palavras escritas neste percurso, um momento de pura reflexão e realização pessoal e profissional. Desde muito cedo sonhava em ser Educadora de Infância, não só por influências de família por exercerem a profissão, por me transmitirem esse gosto e paixão pelo ensinar mas também por gosto próprio. Com a minha entrada para o 1º ciclo do Ensino Básico depressa decidi que professora era a profissão pela qual iria lutar. Desde então, brincadeiras com material escolar para a construção de fichas e testes imaginários eram recorrentes. As mesas manchadas com a tinta dos marcadores e guaches já eram um hábito lá de casa. E o que era meramente um sonho de criança, hoje tornou-se realidade através da experiência gratificante da passagem pelo contexto Pré-escolar e 1º ciclo do ensino Básico que este mestrado me proporcionou.

Em primeiro lugar importa referir o cuidado e sensibilidade com que os docentes deste mestrado sempre nos trataram, nunca nos deixando sentir desamparados na prática profissional. A excelente escolha de professores e educadores cooperantes a eles também se deve.

A PES na Educação Pré-escolar foi um dos pontos altos deste percurso. Imaginação, criatividade e pura inocência faziam parte do dia-a-dia. Para além de me sentir perfeitamente segura e capaz de me responsabilizar por um grupo de crianças, sentia também que teria sempre o amparo da Educadora cooperante. Desde o início que a Educadora fez questão de me deixar à vontade e que estaria sempre lá caso dúvidas ou dificuldades se fizessem sentir. Durante as observações foi possível constatar que a Educadora não fundamentava o seu trabalho num único modelo curricular mas, retirava de vários modelos aquilo que achava ser mais relevante para o grupo de crianças, deixando sempre claro que ao planificar devíamos partir não só dos temas propostos mas também da própria criança.

Não é possível seguir à regra a planificação elaborada quando se trabalha com crianças de tenra idade. Imprevistos acontecem e deparamo-nos constantemente com novos desafios. Se pensarmos que se por trabalharmos com crianças temos o trabalho bem mais facilitado, então pensamos erroneamente pois este é sem dúvida um dos públicos mais exigentes pois detetam facilmente as nossas emoções, se estamos mais

seguros ou não tão confiantes, desafiam-nos constantemente como se apalpando terreno para que possam entender até onde podem chegar.

Por ser um público tão exigente e criativo, é importante que tenhamos em atenção aquilo em que demonstram mais curiosidade delimitando regras e pondo-os à prova relativamente àquilo que são capazes e até onde consegue ir a sua persistência. Foi deste modo que se desenvolveu o projeto de empreendedorismo “Vamos à piscina”. Um projeto que surgiu a partir dos sonhos e imaginário das crianças. O que o grupo realmente desejava era uma piscina na escola, mas esta ideia teve que ser bem negociada entre todos pois enquanto uns queriam uma piscina de bolas outros queriam uma piscina com água. E então porque não ter uma piscina com água e bolas?! A partir daqui, a ideia foi explorada por todos refletindo sobre quais os caminhos a seguir de forma a que este projeto fosse bem-sucedido.

Foi um projeto na qual não só o grupo de alunos aprendeu a lidar com dificuldades, a lutar por aquilo que realmente quer, a respeitar a vontade dos outros e a manifestar a sua opinião, mas também foi uma aprendizagem para mim como futura Educadora em lidar com adversidades como transportes, financiamentos, horários e garantias de condições de segurança. Este projeto teve não só o envolvimento da educadora cooperante e do grupo de crianças como também da própria família das crianças que demonstraram total apoio.

É de salientar a importância de incluir a família das crianças em atividades da sala de atividades, não só para estar a par do trabalho que o grupo desenvolve ao longo do ano, mas também para que haja um envolvimento entre escola e família fomentando para o bom ambiente entre estes dois grandes pilares na vida de uma criança. Para além disso, com esta participação da família na escola a criança ficará mais confiante, uma vez que todos se importam com o seu bem-estar.

É um contexto marcado pela criatividade e imaginação sem limites. Um contexto onde o ambiente educativo é verdadeiramente motivador que promove atividades diversificadas permitindo aprendizagens a nível da comunicação, criatividade, interação, resolução de problemas e também de questionamento. Neste contexto a criança cresce e aprende sem a pressão curricular, contactando com novas experiências e vivências.

Aprendi a dar mais valor às simples curiosidades das crianças, a saber lidar com adversidades e imprevistos que surgiram ao longo dos dias, aprendi a distanciar-me um pouco da planificação e não seguir tão à risca as atividades planeadas muito por conta dos imprevistos acima referidos. Fez de mim uma pessoa mais preocupada e atenta às diferenças de cada criança, demonstrando sempre amor por cada uma delas mas também exigindo o melhor de cada uma.

Relativamente ao 1ºCEB, confesso que encarei este contexto com um certo receio, isto por se tratar de um contexto que requer uma maior responsabilidade por parte não só da professora investigadora mas também por parte das próprias crianças. Há um programa educativo a seguir e portanto sente-se uma certa pressão não só a nível de tempo mas também a nível de resultados.

A falta de tempo foi sempre uma constante ao longo deste percurso e aliado a certas pressões, como o concluir das atividades propostas, as supervisões dos professores orientadores, a responsabilidade de ensinar os conteúdos da forma mais simples e clara possível e ainda o facto de a turma ter que realizar as provas de aferição, fizeram com que o papel de professor fosse encarnado de uma forma bastante formatada e planeada. Ainda assim, pude saborear a experiência fabulosa de ser professora. A experiência de partilhar conhecimento, fazer o outro crescer, mostrar novos caminhos a seguir, superar obstáculos, criar vínculos compreendendo cada um dos alunos, conhecendo e respeitando o ritmo de cada um deles.

Relativamente ao estudo implementado com a turma, os alunos sempre se mostraram bastante motivados e participativos com as atividades propostas ao longo das semanas. Para além de Estudo do Meio ser a disciplina que os alunos mais demonstram interesse, o culminar de atividades ligadas a esta área com as restantes como a Matemática, Português e Expressões fez com que esta motivação e entusiasmo se contagiassem ao longo do dia e não apenas na hora destinada ao Estudo do Meio.

É bastante gratificante ver o empenho e interesse dos mais novos por questões culturais, não só do património local mas também mundial. Era uma temática à qual pensava que os alunos não tinham o menor interesse, mas a partir do momento em que a sensibilização por estes assuntos começa a ser feita desde cedo, automaticamente o

interesse e preocupações dos alunos amadurecem no sentido de se mostrarem mais predispostos a novas temáticas a tratar.

Termino este capítulo académico, profundamente agradecida pelas aprendizagens que levo comigo, não só por parte de todos os docentes ao longo deste percurso, mas também por parte das crianças com que pude contactar que em muito contribuíram para este percurso. Na bagagem das recordações vão também todos os momentos vividos na Instituição que me acolheu, momentos esses que, por vezes, não foram fáceis mas que ainda assim contribuíram para o meu crescimento a nível pessoal. Permaneço confiante no futuro como profissional procurando novos desafios e objetivos na carreira enquanto educadora e professora pois, tal como refere Paulo Freire “Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino”.

E o que um dia enquanto menina era sonho, torna-se hoje realidade concretizando uma promessa que um dia fora lançada...

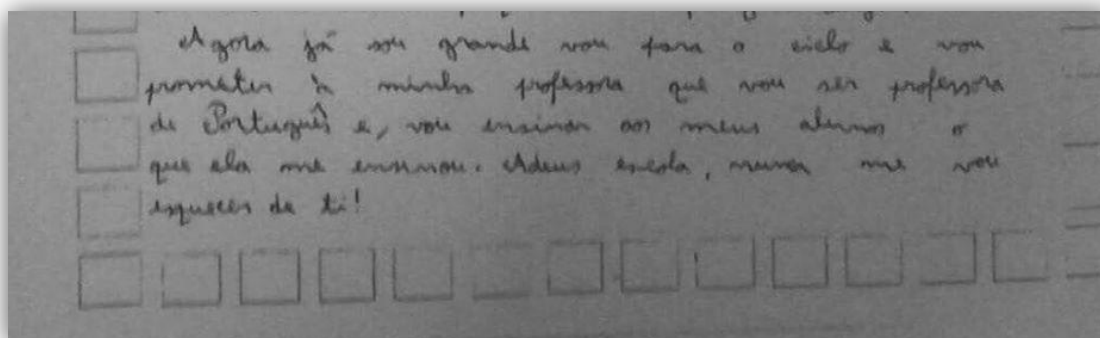


Figura 20 - Pequeno excerto retirado da composição do final de 4º ano de escolaridade da professora investigadora

Bibliografia

Araújo, S. A. (2008). *Contributos para uma educação para a cidadania*. Lisboa: ACIDI.

Afonso, C., Cavalcanti, J. (2006) – Do desconhecimento do Outro à Interculturalidade: a vida (re)escrita no processo de formação profissional. *Cadernos de Estudo*.(4), p.9-21
Acedido em 26 de abril de 2018:
http://repositorio.esepf.pt/jspui/bitstream/20.500.11796/888/2/Cad4_Desconhecimento_CarlosAfonsoJoana.pdf

Blanchet, A., Ghiglione, R., Massonnat, J., & Trognon, A. (1989). *Técnicas de investigación en ciencias sociales: Datos. Observacion. Entrevista. Cuestionario*. Madrid: Narcea.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Cohen, L., & Manion, L. (1990). *Métodos de Investigación Educativa*. (F. A. López, Trad.) Madrid: Editorial La Muralla, SA.

Coutinho, C. P. (2008). A qualidade da investigação educativa de natureza qualitativa: questões relativas à fidelidade e validade. *Educação Unisinos*, pp. 5-15.

Creswell, J. (2009) *Qualitative, Quantitative and Mixed Methods Approaches*. California: Sage Publications.
Acedido em 19 de maio de 2018:
<https://vivauniversity.files.wordpress.com/2014/02/creswell-2008-research-design-qualitativequantitative-and-mixed-methods-approaches.pdf>

Cruz, M., Alves, E., Oliveira, M., Bastos, O. & Mateus, S. (2006). As representações culturais das crianças e o papel do educador social. *Cadernos de estudo*. (3), pp. 35-42.
Acedido em 25 de maio de 2018:
http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/877/2/Cad_3RepresentacoesCulturais.pdf

Cruz, M. & Melo, S. (2004). Being an Intercultural Cibercommunicator: the role of dialogic imaginary about languages and cultures in the development of online mobility, *IALIC*.

Evertson, C., & Green, J. (1989). La observacion como indagacion y metodo. In M. Wittrock (Eds.), *La investigación de la enseñanza, II: Métodos cualitativos y de observación* (pp. 303-421). Barcelona: Ediciones Paidós

Fazenda, I. (1979). *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia*. São Paulo: Loyola.

Formosinho, J. (1987). O Currículo Uniforme Pronto a Vestir de Tamanho Único. *Cadernos de Análise Social da Educação*. pp. 41-50.

Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Goldman, L. (1979). *Dialética e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Japiassu, H. (1976). *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago.

Leite, C. (2002). *O currículo e o multiculturalismo no sistema educativo português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Luck, H. (2001). *Pedagogia da interdisciplinaridade*. Fundamentos teórico-metodológicos. Petrópolis: Vozes.

Libâneo, J. (2006). *Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 21ª ed. São Paulo: Loyola.

Marques, R. (2005). *Inovação, currículo e formação*. Porto: Porto Editora.

Ministério da Educação. (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico 1ºCiclo*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Pereira, A. (2004). Educação Multicultural – Teorias e Práticas. *Coleção Cadernos do CRIAP*. (42). Porto: Asa Editores

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. (J. M. Marques, & M. A. Mendes, Trans.) Lisboa: Gradiva.

Ribot, T. (1900). *Essai sur l'imagination créatrice*. Paris: Alcan.

Stake, R. (1995). *The Art of Case Study Research*. California: SAGE

Thiesen, J. (2008). A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo de ensino-aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação*, 8 (39). Acedido em 26 de abril de 2018:
<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n39/10.pdf>

Vasseur, M. (2001). Places discursives, imaginaire dialogique et apprentissage de la langue. In Moore, D. (Ed.), *Les représentations des langues et de leur apprentissage: références, modèles, données et méthodes*. Paris: Didier.

Virel, A. (1977). *Vocabulaire des psychothérapies*, Paris: Fayard.

Anexos

Anexo 1 – Questionário aos alunos

Questionário



1. Já viajaste para outro país?

☐☐

Sim

Não

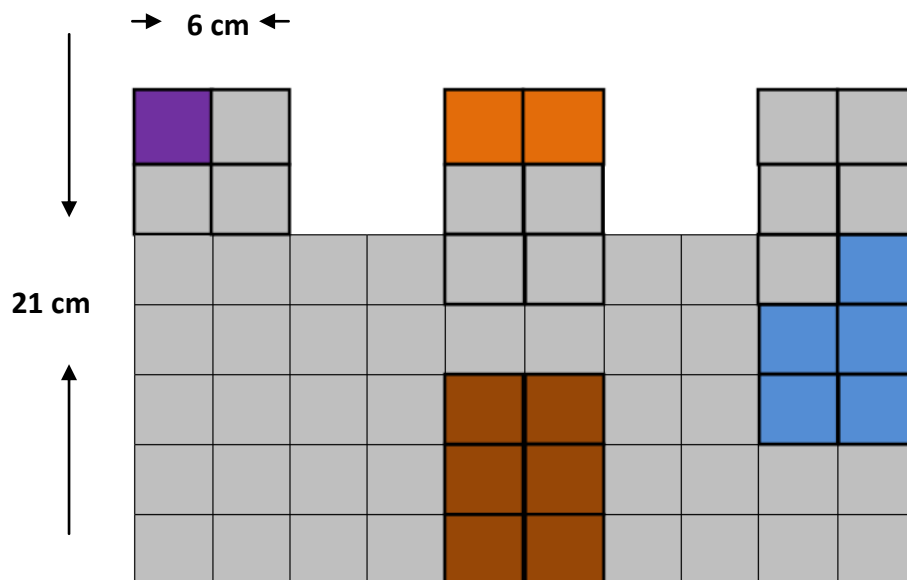
Se respondeste sim, que país visitaste? _____

2. Que países gostavas de visitar? Porquê?


3. O que mais gostas de conhecer num país?

Anexo 2 – Ficha de exercícios de consolidação com Muralha da China

A Muralha da China com Matemática



Tem em atenção as partes da muralha e responde às seguintes questões:

1. Que fração representa a parte roxa?
2. E a parte laranja?
3. E a parte azul?
4. Determina o perímetro da muralha.
5. Tendo em conta que  é a unidade de medida, determina a área da muralha.